

De pequenos começos, Raios de luz

18

EVANGELISMO

Regressando às
nossas raízes
missiológicas

23

TESTEMUNHO

A honestidade é
recompensada

28

**GRAVADO NA
PEDRA**

O túnel de
Jerusalém

PUBLICADORA SERVIR
SETEMBRO 2025
N. 940 | ANO 86



“Eis que cedo venho.” A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**
DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**
COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**
E-MAIL **revista.adventista@pservir.pt**
PROJETO GRÁFICO **Joana Areosa**
DIAGRAMAÇÃO **André Carrolo Fernandes**
ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **Publishadora SerVir, S.A.**
DIRETOR-GERAL **António Carvalho**
SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo**
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Ligação Visual
Casais de S. Martinho – Jerumelo
TIRAGEM **4700 exemplares**
DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

setembro

D	S	T	Q	Q	S	S
31	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>	<u>5</u>	<u>6</u>
7	<u>8</u>	<u>9</u>	<u>10</u>	<u>11</u>	<u>12</u>	13
14	[15]	<u>16</u>	<u>17</u>	<u>18</u>	<u>19</u>	20
21	<u>22</u>	<u>23</u>	<u>24</u>	<u>25</u>	<u>26</u>	27
28	29	30	1	2	3	4

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

7 FORMAÇÃO SAL

12-14 II ENCONTRO DOS AGRICULTORES ADVENTISTAS

14 DIA NACIONAL DE ORAÇÃO DAS FAMÍLIAS

20-21 DIA MUNDIAL DOS DESBRAVADORES E JORNADAS REGIONAIS

27 90º ANIVERSÁRIO DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA EM PORTUGAL

28 DIA NACIONAL DO VOLUNTARIADO – FEIRA DE SERVIÇOS (ADRA)

29 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

1-5 SEMINÁRIO DE BOGENHOFEN (ATU)

8-12 UNIVERSIDADE ADVENTISTA DE FRIEDENSAU (EUD)

15-19 UNIÃO SUÍÇA (SWU)

22-26 INSTITUTO TEOLÓGICO DE SAZAVA (CSU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[15] SEGUNDA-FEIRA

outubro

D	S	T	Q	Q	S	S
28	<u>29</u>	<u>30</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>
5	[6]	<u>7</u>	<u>8</u>	<u>9</u>	<u>10</u>	11
12	<u>13</u>	<u>14</u>	<u>15</u>	<u>16</u>	<u>17</u>	18
19	<u>20</u>	<u>21</u>	<u>22</u>	<u>23</u>	<u>24</u>	25
26	<u>27</u>	<u>28</u>	[29]	<u>30</u>	<u>31</u>	1

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

3-5 MAPAS (MINISTÉRIO ADVENTISTA PARA ADULTOS SOLTEIROS)

4-11 CAMPANHA NT – O GRANDE CONFLITO

5 FORMAÇÃO SAL

10-12 CONVENÇÃO DA ASI PORTUGAL

17-19 CONGRESSO NACIONAL DE UNIVERSITÁRIOS ADVENTISTAS

17-20 ENCONTRO DOS 60+

17-19 CONGRESSO IBÉRICO DE MULHERES

24 EUD VISION SONG CONTEST

25-26 CONSELHO NACIONAL JA

27 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

29/9-3/10 ASSOCIAÇÃO DE BERLIM-ALEMANHA CENTRAL (NGU)

6-10 CONSELHO ANUAL DA CONFERÊNCIA GERAL

13-17 UNIÃO ITALIANA (ITU)

20-24 UNIVERSIDADE ADVENTISTA DE COLLONGES (EUD)

27-31 EUD REUNIÃO DE FIM DE ANO

[FH] FÉ DOS HOMENS

[6] SEGUNDA-FEIRA

[29] QUARTA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | **ANTENA 1** A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 17:00 E AS 17:30 | **ANTENA 1** A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

1

EDITORIAL

Refocados na Esperança

5

ATUALIDADE

Como o mundo poderia acabar... e como ele vai acabar

Da catástrofe à esperança.

10

HISTÓRIA ADVENTISTA

De pequenos começos, raios de luz

Uma profecia cumprida de Ellen G. White.

18

EVANGELISMO

Regressando às nossas raízes missiológicas

Um apelo urgente à liderança da nossa Igreja.

23

TESTEMUNHO

A honestidade é recompensada

O valor de 45 centimos.

28

GRAVADO NA PEDRA

O túnel de Jerusalém

Um prodígio da engenharia antiga.

33

OLHOS NOS OLHOS

Rúben de Abreu

Uma vida ao serviço de Deus.

39

MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

O ministério de capelanias da União Portuguesa

Ao serviço dos mais vulneráveis.

42

PÁGINA DA FAMÍLIA

Faz alguma diferença comer juntos?

A importância das refeições familiares para a saúde.

44

HERÓIS DA BÍBLIA

Eliseu

De jovem promissor a profeta de Israel.

46

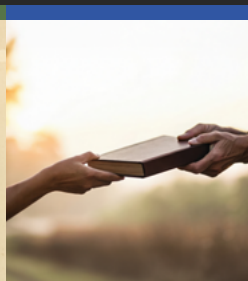
ESPÍRITO DE PROFECIA

O conceito de inspiração divina em Ellen G. White

O que é a inspiração?

49

NOTÍCIAS NACIONAIS





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

Refocados na Esperança

“Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça” (II Pedro 3:13).

Setembro marca o início de uma nova temporada na vida da Igreja. Retomam-se os encontros regulares, os ministérios recomeçam, os planos voltam à mesa. É tempo oportuno para refocar no essencial: a esperança e a missão.

O apóstolo Pedro escreve a uma igreja confrontada com zombarias e dúvidas quanto à vinda de Cristo (vv. 3 e 4). Em resposta, ele reafirma a fidelidade de Deus: a promessa permanece, o cumprimento virá. No versículo 13, Pedro eleva os olhos dos crentes para o destino final, “novos céus e nova terra”, onde habita a justiça. Esta expressão reproduz Isaías 65 e 66, revelando que a esperança cristã não é de evasão, mas de renovação. Tudo o que foi perdido pelo primeiro Adão será restaurado pelo segundo. Deus não abandonará a criação, Ele a restaurará completamente. “O principal objetivo da espera do cristão não é o julgamento, mas a Nova Criação, caracterizada pela justiça.”¹

A frase “nos quais habita a justiça” é central. A justiça, tantas vezes ausente neste mundo, será o fundamento da realidade futura. “O novo céu e a nova terra, dados pela promessa de Deus, serão finalmente o lar ou morada da justiça (literalmente, ‘onde

a justiça habita permanentemente’). Será o lar da justiça porque o Justo estará lá”.² Não haverá mais desigualdade, corrupção, dor ou opressão. Este é o lar que esperamos — e essa esperança molda a forma como vivemos hoje. Pedro exorta os crentes a viverem em santidade e piedade (v. 11), e a “apressar” a vinda do Senhor. A esperança escatológica não nos afasta do presente, ela nos impulsiona a viver com propósito e urgência.

Como Igreja, este é o tempo de recen-trar. Não há missão sem esperança, nem esperança autêntica sem compromisso com a missão. Cada culto, cada ministério, cada ação local deve estar alinhada com a visão do Reino por vir.

Que esta nova etapa sirva para renovar em nós a promessa. Que, como peregrinos, vivamos com os olhos na eternidade, mas com os pés firmes na missão.

Se a justiça será o fundamento da Nova Terra, por que não começar já a vivê-la agora, na sua vida, na sua casa, na sua igreja?

1

Douglas Mangum, org., *Lexham Context Commentary: New Testament*, (Bellingham, WA: Lexham Press, 2020), II Pe 3.8–13.

2

Kenneth O. Gangel, “II Peter”, in *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, org. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 2 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 877.



Clifford Goldstein
Pastor

*Retirado da revista Signs of the
Times australiana de abril de 2020*

Como o mundo poderia acabar... e como ele vai acabar

**Está a vida condenada no
nosso planeta? A História terá
um fim? A Ciência sugere que
tal poderá bem acontecer.**



O poeta Robert Frost escreveu: “Alguns dizem que o mundo acabará pelo fogo, outros dizem que ele acabará pelo gelo.” Algumas pessoas dizem que os Cristãos que acreditam que o mundo terminará são simplesmente profetas da desgraça. Mas eles não estão sós. Os cientistas também estão preocupados com o fim do mundo e já esboçaram mais cenários de como isso poderá acontecer do que o Leitor possa imaginar. Eis onze modos diferentes em que, segundo os cientistas, o mundo pode acabar:

1. Perdendo corda. De acordo com a Segunda Lei da Termodinâmica tudo no Universo está a avançar para a entropia, isto é, para um arrefecimento gradual e uma dissolução caótica. Isto significa que, mais cedo ou mais tarde, tudo colapsará num estado de obsoleta inanidade – sem luz, sem vida, apenas com trevas gélidas em todo o Universo.

2. Esticado. Desde o início do século XX que os astrónomos creem que o nosso Universo está em expansão. Se ele continuar a expandir-se, eventualmente tudo o que constitui o Universo se esticará numa inanidade fina de mais que será incapaz de suportar a vida.

3. Esmagado. Por outro lado, alguns cientistas especulam que a expansão do Universo alcançará o seu limite máximo e que, depois, regredirá como um elástico até que todo o Universo se encolha e se torne do tamanho de uma partícula subatômica. Isto é também conhecido como sendo o Grande Esmagamento.

4. Invadido por Extraterrestres. Considerando o tamanho do Universo, a existência de vida noutros planetas é matematicamente provável, embora ainda seja algo tratado pela ficção científica. Se e quando existirem seres inteligentes noutros mundos (sejam eles benevolentes como o *ET* de Spielberg ou invasores rapinantes como no filme *Independence Day*), não há dúvida que uma espécie capaz de atravessar as imensas distâncias do espaço sideral poderia ser uma ameaça para a civilização humana, caso assim o desejasse.

5. Atingido por asteroides. Os Extraterrestres não são o único perigo cósmico potencial. Asteroides já atingiram a Terra no passado e é possível que voltem a atingi-la no futuro. Quando e onde virá o Grande Asteroide é pura especulação, mas muitos creem que, eventualmente, ele virá. Grande até que ponto? Devastador até que ponto? Não sabemos. O que sabemos é que, se for suficientemente grande, um asteroide poderá eliminar-nos todos.

6. Buracos Negros. Os buracos negros são estrelas colapsadas que têm uma atração gravitacional tão intensa que nada, nem mesmo a luz, lhes pode escapar. Não sabemos quantos existem; alguns especulam que existem milhões apenas na nossa galáxia. Estes corpos celestes estão, crê-se, em movimento. Se um deles se aproximar o suficiente do nosso sistema solar, poderá lançar os planetas para fora da sua órbita. Se isso acontecesse com a Terra, nós se-



riamos incinerados pelo Sol ou lançados para o espaço frígido.

7. Erupções solares. No entanto, um cenário mais provável são as erupções solares – uma explosão súbita de energia magnética do Sol. As erupções solares têm perturbado as telecomunicações e a transmissão de energia elétrica aqui na Terra no passado. Se uma delas for muito mais forte do que aquelas que já experimentamos (como se crê que já aconteceu com outras estrelas), poderia cozer a Terra no mesmo espaço de tempo que é necessário para cozer um bolo.

8. Aquecimento Global. Pondo de parte toda a comoção política à volta do aquecimento global, o mundo está aparentemente a aquecer. Se não houver uma reversão da situação, vários cenários são possíveis: Desde o derretimento das calotes polares até ao surgimento de um meio ambiente mais

propício para vários patógenos que poderão eliminar todas as plantações.

9. Guerra Global. Entretanto, um perigo mais imediato procede diretamente da guerra. Apesar nos nossos tratados de desarmamento nuclear (que estão cada vez mais tremidos), existe um número suficiente de armas nucleares para erradicar a vida na Terra mais de uma dúzia de vezes. Há também o risco das armas biológicas ou químicas – sem dúvida, algo muito desconfortável.

10. Epidemias. Milhões morrem todos os anos por causa de doenças infecciosas que não conhecem fronteiras nacionais, culturais ou étnicas – O Coronavírus é um exemplo recente. O que é ainda mais assustador é que muitos agentes patogénicos estão a ficar mais resistentes aos antibióticos. O HIV/SIDA apareceu subitamente e, em duas décadas, tornou-se um fla-

gelo mundial. Quem sabe que novas doenças podem surgir com impactos semelhantes ou maiores – especialmente num mundo onde as pessoas viajam com frequência, atravessando as barreiras naturais para as doenças, como os oceanos.

11. Desastre Biotécnico. Embora ainda não haja uma decisão unânime sobre se a engenharia genética das plantações é boa ou má para nós, algumas evidências indicam que os genes de plantas modificadas podem “vazar” para outras espécies, com resultados desconhecidos. Alguns preocupam-se com a devastação que algum tipo de superpraga poderia provocar no planeta.

Nenhum destes cenários nos dá muitas razões para ter esperança.

Um final melhor

Felizmente, ainda nenhuma destas onze formas de destruição ocorreram numa escala que levasse à extinção

da Humanidade e podemos ter a esperança que nenhuma delas ocorrerá. No entanto, há um modo em que o mundo poderá acabar que nós ainda não vimos. É o único que nos oferece esperança num futuro melhor. De facto, para milhões de pessoas ao longo da História e para milhões que hoje o aguardam, não é apenas uma esperança, é *a* esperança, o clímax e a consumação de tudo aquilo em que elas têm crido. Trata-se da Segunda Vinda de Jesus Cristo; quando Ele regressar à Terra para vir reclamar todos os que foram comprados com o Seu sangue. Eis três passagens bíblicas que descrevem como será a Segunda Vinda de Cristo:

“Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será, também, a vinda do Filho do homem” (Mateus 24:27).

“Porque o mesmo Senhor descera do céu, com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão



Na Segunda Vinda de Cristo tudo o que é terrestre e feito pelo Homem será varrido pelo poder de Deus, que se revelará com poder e majestade nunca vistos pelos seres humanos. Desafiando a lógica e a ciência, Jesus Cristo aparecerá no céu.

primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras” (I Tessalonicenses 4:16-18).

“Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão” (II Pedro 3:10).

Na Segunda Vinda de Cristo tudo o que é terrestre e feito pelo Homem será varrido pelo poder de Deus, que se revelará com poder e majestade nunca vistos pelos seres humanos. Desafiando a lógica e a ciência, Jesus Cristo aparecerá no céu. Com a mesma voz que deu existência à luz e à vida na criação, Ele falará de novo e aqueles que morreram confiando n’Ele serão ressuscitados de entre os mortos para desfrutar eternamente os frutos do Seu sacrifício expiatório em favor deles no Céu e, depois, numa Terra renovada.

Os outros cenários do tempo do fim que mencionámos são, em alguns casos, bastante rebuscados ou remotos; noutros casos, assustadoramente plausíveis e possivelmente iminentes. Todos eles são bastante sombrios, não oferecendo qualquer esperança, qual promessa.

Em contraste, o regresso de Cristo é tão certo como a sua Primeira Vinda, na qual – através da Sua vida, morte e ressurreição – Ele resgatou as almas de todos os que O aceitam como seu Salvador: “Porque o Filho do homem, também, não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (Marcos 10:45).

Ele irá regressar à Terra para vir buscar aqueles “muitos” que resgatou. Quando o fizer, este mundo acabará.

João, o profeta de Patmos, escreveu que Deus lhe mostrou “um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram” (Apocalipse 21:1). Assim, “segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça” (II Pedro 3:13).

Efetivamente, as boas novas são que o fim do mundo permitirá um novo começo, um mundo sem pecado, sem entropia, sem armas nucleares ou terrorismo biológico. Um novo mundo cheio apenas de amor, liberdade, felicidade e proximidade de Deus.

Esta é a promessa de Jesus. A promessa da Cruz. A promessa que oferece esperança a todos os que depositam a sua fé em Jesus como a única resposta num mundo que está, sem dúvida, a enfrentar os seus últimos momentos.

De pequenos começos, raios de luz

Como os nossos Pioneiros, guiados pela oração, encontraram nas publicações a resposta para partilhar as verdades descobertas.



Beth Thomas
Editora-Assistente da
Adventist World

Retirado e adaptado da
revista Adventist World
de julho/agosto de 2024.

À medida que os primeiros pioneiros adventistas começaram a descobrir verdades bíblicas como a verdade sobre a obra de Jesus no Santuário Celestes e sobre o Sábado, eles reuniram-se para estudar e para orar juntos. Eles foram fortemente impressionados de que deviam partilhar esta informação com outros. Mas como? Foi durante uma série de conferências relacionadas com o Sábado que emergiu uma solução inesperada.

“Foi pouco tempo depois da quinta conferência sabática, realizada em 1848, que outra reunião foi convocada para o lar de Otis Nichols em Dorchester (perto de Boston), Massachusetts. Os irmãos estavam a estudar e a orar sobre a sua responsabilidade para anunciar a luz que o Senhor tinha feito brilhar no seu caminho. Ao estudarem, Ellen G. White recebeu uma visão e foi-lhe mostrado o dever que os irmãos tinham de publicar esta luz. Ela narra o incidente em *Life Sketches* [*Esboços de Vida*]: ‘Depois de acabar a visão, eu disse ao meu marido: Tenho uma mensagem para ti. Deves começar a imprimir um pequeno jornal e enviá-lo ao povo. Que no princípio seja pequeno; mas à medida que as pessoas o lerem, eles enviar-te-ão meios para cobrir a impressão e ele será um sucesso desde o princípio. A partir deste modesto começo foi-me mostrado que ele será como raios de luz que, iluminando-o, rodearão o mundo.’

“Este era um chamado para ação. O que poderia James White fazer? Ele tinha poucos bens deste mundo. Mas a visão era uma diretiva divina e ele

sentiu-se compelido a avançar pela fé. Assim, com a sua Bíblia de setenta e cinco cêntimos e com uma Concor-dância com ambas as capas rasgadas, James White começou a preparar os artigos sobre a verdade do Sábado e sobre outros tópicos aparentados, para os publicar num pequeno jornal.

“Tudo isto levou tempo, mas eventualmente ele apresentou o manuscrito a um impressor em Middletown, Connecticut, que estava disposto a confiar nele de modo a aceitar a encomenda de impressão. O texto foi composto tipograficamente, as provas foram lidas e mil exemplares do jornal foram impressos. James White transportou-os da casa impressora de Middletown até ao lar da família Belden onde ele e Ellen tinham encontrado um refúgio temporário.

“O pequeno impresso tinha um tamanho de 15 centímetros por 30 centímetros e continha oito páginas. Tinha por título *The Present Truth* [*A Verdade Presente*]. A data de publicação era julho de 1849. A pequena pilha de jornais foi colocada no chão. Depois, os irmãos e as irmãs reuniram-se ao redor dela e, com lágrimas nos olhos, suplicaram a Deus que abençoasse o pequeno impresso que deveria ser enviado ao público. Em seguida, os jornais foram dobrados, embrulhados e

***Tenho uma mensagem
para ti. Deves começar
a imprimir um pequeno
jornal e enviá-lo ao
povo.***

endereçados. James White levou-os numa caminhada de 13 quilómetros até ao Posto dos Correios de Middletown. Assim começou a obra de publicações da Igreja Adventista do Sétimo Dia.”¹

Os White viajavam extensivamente, mas ainda conseguiam imprimir os números de *The Present Truth*. Foi apenas quando eles estavam a residir com a família Harris em Auburn, Nova Iorque, que eles acrescentaram um segundo jornal, mais amplo, à sua obra de publicações. Era uma revista mensal a que chamaram *Advent Review* [Revista do Advento]. Não era a revista *The Advent Review and Sabbath Herald* [A Revista do Advento e o Arauto do Sábado], que seria publicada mais tarde, mas era outro jornal que eles enviavam aos crentes no intervalo de envio do *The Present Truth*.

James White introduziu o novo jornal de 48 páginas desta forma: “O nosso designio nesta revista é animar e revigorar o verdadeiro crente, mostrando o cumprimento da profecia na passada obra maravilhosa de Deus, ao chamar e ao separar o povo que aguarda o Segundo Advento do nosso querido Salvador.”²

Em novembro de 1850, os crentes participaram numa conferência em Paris, Maine. Um dos tópicos para discussão foi a obra de publicações em crescimento. Depois de alguma consideração, eles decidiram expandir o jornal e concordaram em dar-lhe um nome apropriado: *The Advent Review and Sabbath Herald* [A Revista do Advento e o Arauto do Sábado].³

O inimigo ataca

Ellen White recorda uma série de acontecimentos que ocorreram enquanto coabitavam com a família Harris – Ataques certamente destinados a impedir a obra que tinha sido iniciada há pouco.

“Devíamos ir até Port Byron para ler as provas tipográficas do jornal que estava a ser impresso em Auburn. Parecia-nos que Satanás estava a tentar impedir a publicação da verdade que nos esforçávamos por apresentar ao povo. Sentimos que deveríamos avançar pela fé. O meu marido disse que iria até Port Byron para ir buscar as provas tipográficas. Ajudámo-lo a ajeazar o cavalo e eu acompanhei-o. O Senhor fortaleceu-o no caminho. Ele recebeu as provas e uma nota que dizia que o jornal sairia da prensa no



Parecia-nos que Satanás estava a tentar impedir a publicação da verdade que nos esforçávamos por apresentar ao povo. Sentimos que deveríamos avançar pela fé.

dia seguinte, pelo que devíamos ir até Auburn para o receber.

“Nessa noite fomos acordados pelos gritos do nosso pequeno Edson, que dormia no quarto por cima do nosso. Era cerca da meia-noite. O nosso rapazinho agarrava-se à Irmã Bonfoey [uma amiga da família], depois lutava no ar com as duas mãos e, em seguida, dizia aterrorizado “Não, Não!” e agarrava-se mais a nós. Sabíamos que este era um esforço de Satanás para nos aborrecer, pelo que nos ajoelhámos em oração. O meu marido admoestou o espírito maligno no nome do Senhor e Edson adormeceu tranquilamente nos braços da Irmã Bonfoey, descansando durante toda a noite. Depois, o meu marido foi atacado novamente. Ele tinha muita dor. Eu ajoelhei-me ao seu lado e orei para que o Senhor fortalecesse a nossa fé. Eu sabia que Deus tinha operado em seu favor e admoestara a doença; e não podíamos pedir-Lhe o que Ele já tinha feito. Mas orámos para que o Senhor levasse avante a Sua Obra. Repetimos estas palavras: ‘Tu ouviste a oração. Tu

operaste. Nós cremos nisso sem a mais pequena dúvida. Leva adiante a Obra que Tu começaste!”

Assim, durante duas horas suplicámos perante o Senhor; e enquanto orávamos, o meu marido adormeceu, e repousou bem até à alvorada. Quando ele se levantou, estava muito fraco. [...]

“Nós confiámos na promessa de Deus e decidimos avançar pela fé. Eramos esperados em Auburn naquele dia para recebermos o primeiro número do jornal. Acreditávamos que Satanás estava a tentar impedir-nos, pelo que o meu marido decidiu avançar, confiando no Senhor. O Irmão Harris preparou a carruagem e a Irmã Bonfoey acompanhou-nos. O meu marido teve de ser auxiliado na subida para a carruagem, mas ganhava força a cada quilometro que andávamos. Mantivemos a nossa mente fixa em Deus e a nossa fé em exercício constante, enquanto viajávamos, em paz e felizes. Quando recebemos o jornal acabado de imprimir e viajámos de regresso até Centerport, estávamos certos de que avançávamos na senda do dever. A bênção de Deus repousava sobre nós. Tínhamos sido muito esbofeteados por Satanás, mas, através da força de Cristo que nos era comunicada, vencêramos. Tínhamos um grande pacote de jornais connosco, contendo a preciosa verdade para o povo de Deus.

“Estávamos dispostos a viver com poucos recursos para que o jornal pudesse ser apoiado. Os amigos da Causa eram poucos e pobres em riqueza mundana e nós éramos ainda compelidos a lutar contra a pobreza e contra o desânimo. Tínhamos muitas preo-



*Estávamos dispostos
a viver com poucos
recursos para que
o jornal pudesse ser
apoiado.*

cupações e, frequentemente, ficávamos muitas vezes até à meia-noite e, por vezes, até às duas ou três da manhã, a lermos as provas tipográficas.

“Trabalho excessivo, preocupação e ansiedade, falta de alimento adequado e exposição ao frio nas nossas longas jornadas no inverno foram demais para o meu marido, pelo que ele se afundou sob o peso do fardo. Ele ficou tão fraco que mal conseguia caminhar até à casa impressora. A nossa fé foi testada ao máximo. Nós tínhamos voluntariamente suportado privação, labor e sofrimento, no entanto os nossos motivos eram mal interpretados e éramos olhados com

desconfiança e inveja. Poucos entre aqueles por quem tínhamos sofrido pareciam apreciar os nossos esforços.

“Estávamos perturbados demais para dormir ou descansar. As horas em que deveríamos ser revigorados pelo sono eram, frequentemente, gastas em responder a longas comunicações ocasionadas pela inveja. Muitas horas, enquanto outros dormiam, nós passávamos em choro agonizante e em pranto perante o Senhor. Até que o meu marido me disse: ‘Esposa, não vale a pena continuarmos a lutar. Estas coisas estão a esmagar-me e, em breve, me levarão para a sepultura. Não posso ir mais longe. Escrevi uma nota para o jornal, declarando que não voltarei a publicá-lo.’ Ao sair ele porta fora para levar a nota à casa impressora, eu desmaiei. Ele voltou para trás e orou por mim. A sua oração foi respondida e eu senti-me aliviada.

“Na manhã seguinte, enquanto estávamos em oração familiar, recebi uma visão e fui instruída no tocante



a estes assuntos. Vi que o meu marido não devia desistir do jornal, pois Satanás estava a conduzi-lo para que ele desse esse passo e estava a operar através dos seus agentes para fazer isso. Fui-me mostrado que ele deveria continuar a publicar e que o Senhor nos sustentaria.”⁴

De facto, o Senhor sustentou a obra. A partir destes começos nada auspiciosos, a *Adventist Review* [*Revista Adventista*] permanece como uma das publicações eclesiais mais antigas nos Estados Unidos, sendo publicada continuamente desse 1849, através de uma variedade de mudanças no seu nome. Em julho de 2024, esta publicação celebrou o seu 175º aniversário.

Os raios expandem-se

Mas como é que uma revista sediada nos Estados Unidos da América se tornou nos “raios de luz” que a senhora White viu irradiando por todos os cantos do globo?

Em 2004, Jan Paulsen, então Presidente da Conferência Geral, abordou Bill Johnsson, que na altura era o editor da *Adventist Review*, com uma proposta entusiasmante, mas intimidante. “Necessitamos de uma revista, um veículo comum, para ajudar a manter unidos os Adventistas na Igreja mundial”, disse Paulsen. Qual era a tarefa específica? Enviar a revista da Igreja a, aproximadamente, um milhão de lares em todo o mundo de forma gratuita, focando-nos primeiro naquelas regiões do mundo em que é empregue a língua inglesa. Se, mais tarde, ficassem disponíveis fundos adicionais, a revista poderia ser traduzida em outras línguas.”⁵

A profecia foi cumprida ao tornar-se realidade a maldição anunciada.

Esta não era uma ideia impulsiva. Era algo que Paulsen tinha vindo a considerar desde a sua chegada à Conferência Geral como Vice-Presidente em 1995. Ele estava profundamente preocupado em manter a Igreja unida. “Este deveria ser uma revista para nutrir, informar, estimular e afirmar os nossos valores comuns”, explica Paulsen. ‘Ela deveria dizer aos nossos membros que estamos juntos como uma família ao redor do mundo.’”

Johnsson levou a proposta à equipa da *Adventist Review*. Naquela época a *Review* era publicada semanalmente. Naturalmente, alguns membros da equipa ficaram preocupados. Como seriam eles capazes de produzir conteúdos adicionais para uma revista, especialmente para um público internacional? Roy Adams, que era então um editor-associado da *Review*, disse: “Eu sempre senti que, se o nosso empenhamento era algo global, então os nossos principais líderes deveriam ter uma permanente comunicação direta com toda a comunidade adventista espalhada pelo mundo. Esta convicção levou-me a empenhar-me no desafio, juntando-me ao resto da equipa para realizar a difícil tarefa.”

Sendo uma revista internacional, “as possibilidades de impressão tinham

de ser exploradas, não apenas na América do Norte, mas também em outras regiões do mundo.”⁶ A resposta para o financiamento e a publicação veio, de um modo milagroso, da Igreja na Coreia do Sul.⁷ “Foi espantoso como esta tarefa, que era quase inimaginável, se organizou tão rapidamente e funcionou – incluindo o financiamento”, diz Paulsen. “Eu creio que foi um produto inspirado pelo Céu.”⁸ Esse produto inspirado tornou-se na revista *Adventist World* [*Mundo Adventista*].

“O conceito da *Adventist World* foi votado na reunião de outono da Igreja em 2004 e a apresentação do seu conceito foi feita em 2 de julho na subsequente 58ª Sessão da Conferência Geral em St. Louis. O primeiro número foi lançado em setembro de 2005; e segundo as minutas da reunião da comissão de publicação da *Adventist World* realizada em 3 de outubro de 2005, a primeira impressão abrangeu 1,1 milhões de exemplares. As minutas também indicam a existência de cinco edições: Coreia, Pacífico do Sul, América do Norte, Inter-América e Trans-Europa.”⁹

Como “raios de luz”, a revista *Adventist World* tem sido enviada para 1,6 milhões de lares em todo o mundo e os artigos da *Adventist World* e da *Adventist Review* têm sido acedidos por muitos outros milhares através de plataformas *online*, de *websites* e da

Como “raios de luz”, a revista *Adventist World* tem sido enviada para 1,6 milhões de lares em todo o mundo...

Adventist Review TV, um serviço de *streaming* de vídeo.

E, mantendo-se fiéis à intenção original de James White, a *Adventist Review* continuará a “animar e a revigorar o verdadeiro crente, mostrando o cumprimento da profecia na passada obra maravilhosa de Deus, ao chamar e ao separar do mundo e da Igreja nominal um povo que aguarda o Segundo Advento do nosso querido Salvador.”

De facto, a revista *Adventist World* tem sido o nosso instrumento escolhido durante quase 20 anos. Em breve vamos anunciar uma nova publicação que combina o melhor da *Adventist Review* e da *Adventist World*, mas sob o nome a marca da *Adventist Review*. Esta nova revista será gratuita para os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, sendo traduzida em múltiplas línguas e impressa para ser distribuída em todo o mundo. Entretanto, o conteúdo continuará a promover a missão de unir a Igreja como preparação para a iminente Segunda Vinda de Jesus.

¹ “Historical Prologue”, in Ellen G. White, *Early Writings* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1882, 1945), p. XXIV.

² Ellen G. White, *Life Sketches* (Mountain View, Calif.: Pacific Press, 1915), p. 136.

³ *Idem*, pp. 137-139.

⁴ *Idem*, p. 140.

⁵ Retirado de <https://www.adventistworld.org/may-2023/>.

⁶ *Ibidem*.

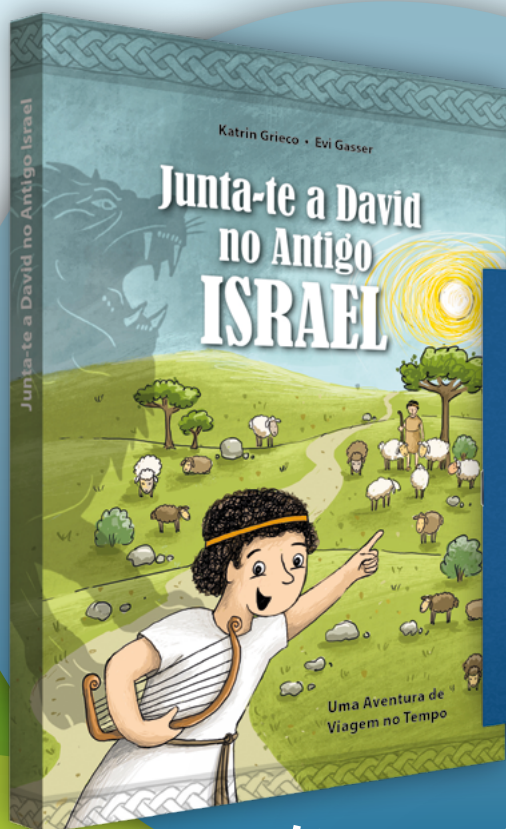
⁷ Leia mais sobre isto no número de maio de 2023 da *Adventist World*.

⁸ *Ibidem*.

⁹ *Ibidem*.

Semana de Oração das Crianças 2025

(Para Jardim de Infância, Primários e Juvenis.)



10€



Livro e Passaporte

**Junta-te a David nesta grande aventura.
Falta pouco para começar!**



Regressando às nossas raízes missiológicas

Um apelo a retomar o espírito
missionário pioneiro que
impulsionou o adventismo.



Boyan Levterov
Implantador de Igrejas

*Retirado da revista
Adventist World de junho
de 2025.*

Eu amo a minha Igreja! Ser Adventista é entusiasmante porque as nossas crenças se centram no evangelho de Jesus e na antecipação do Seu regresso iminente. No entanto, nos meus 26 anos de experiência pastoral, tenho observado que o nosso entusiasmo sobre a Segunda Vinda de Jesus traduz-se, com muita frequência, num desejo de estudar mais a fundo as profecias do que numa paixão para partilhar com o mundo a esperança do regresso iminente de Jesus. Um dos maiores desafios no meu ministério pastoral tem sido motivar as minhas congregações a deixarem de ser um conjunto de adoradores uma vez por semana para se tornarem discípulos que partilham diariamente o evangelho com os outros.

A missão de partilhar o evangelho com o mundo é central para a nossa existência. No Seu sermão escatológico, Jesus revelou que o fim virá, não quando compreendermos todos os sinais, mas quando for “pregado este evangelho do reino por todo o mundo” (Mateus 24:14, *ARA*). Da mesma forma, nas Suas últimas palavras dirigidas aos discípulos, Jesus avisa-nos para não nos preocuparmos com “tempo ou época”, mas sermos testemunhas em Jerusalém, Judeia, Samaria e em todo o mundo (Atos 1:7 e 8).

Ir além do status quo

Quando comecei a desafiar os meus membros para que vivessem vidas missionárias, rapidamente descobri que víamos a nossa missão como estando limitada à nossa congregação local. Tendemos a focarmo-nos em edifícios e em programas de culto. No

A missão de partilhar o evangelho com o mundo é central para a nossa existência.

entanto, Atos 1:8 lembra-nos que o chamado de Deus é muito maior. Devemos alcançar os que estão mais além – na Judeia, na Samaria e em todo o mundo.

Nós contribuímos para o nosso foco autocentrado ao negligenciarmos enfatizar o mandato evangelístico mais amplo. Embora tenhamos estratégias anuais de evangelismo bem-sucedidas e os nossos membros estejam empenhados diariamente em atividades missionárias, temos ignorado completamente a necessidade de expandir a nossa missão para novos territórios. O movimento adventista inicial não era apenas focado em fazer crescer as igrejas locais. Era um movimento de criação de discípulos e de implantação de igrejas. Muito antes de termos formalmente um departamento missionário denominacional, Pastores e novos discípulos eram enviados como evangelistas para novas comunidades, cidades, países e mesmo continentes.

James White escreveu amplamente sobre a necessidade de implantar novas igrejas. Em 1862, por exemplo, ele escreveu: “Não há forma melhor de um pregador dar provas de si do que entrar ele em novos campos. Ali ele pode ver os frutos do seu trabalho. E se for bem-sucedido em levantar igrejas e em estabelecê-las, de tal modo que elas produzam

Muitos dos membros das nossas grandes igrejas praticamente nada realizam. Eles poderiam fazer um bom trabalho se, em vez de se aglomerarem, se dispersassem por lugares ainda não atingidos pela verdade.

bons frutos, ele dá aos seus irmãos a melhor prova de que é enviado pelo Senhor.”¹

Ellen G. White também desafiou a Igreja a ter uma ampla perspectiva missionária. “Em todos os países e cidades o evangelho deve ser proclamado. [...] Igrejas devem ser organizadas e planos formulados para o trabalho que se realizará pelos membros das recém-organizadas igrejas.”² “Novas igrejas devem ser estabelecidas e novas congregações organizadas. Nesta época deve haver representantes da verdade presente em cada cidade e nas mais remotas partes da Terra.”³ “Um lugar após outro deve ser visitado; uma igreja após outra ser estabelecida.”⁴ “Muitos dos membros das nossas grandes igrejas praticamente nada realizam. Eles poderiam fazer um bom trabalho se, em vez de se aglomerarem, se dispersassem por lugares ainda não atingidos pela verdade. [...] O mesmo procedimento daria bons resultados nas nossas igrejas grandes. Muitos membros



estão a morrer espiritualmente por falta dessa atividade. Estão a tornar-se fracos e incapazes.”⁵

James e Ellen White estavam a desafiar as igrejas locais a desenvolver líderes que tomassem conta da congregação local enquanto o Pastor (e outros que se sentissem chamados) ficaria livre para ir evangelizar novos territórios. Isto era semelhante à política seguida pela Igreja apostólica. O Espírito disse aos anciãos da igreja de Antioquia que enviassem Paulo e Barnabé, os seus melhores líderes, em missão, enquanto eles cuidavam da igreja (Atos 13:1-3).

Um tal espírito missionário foi levado avante pela Igreja Adventista do Sétimo Dia até ao início da década de 1900, antes de começar a existir uma mudança gradual para o estado



de coisas que se veem na maior parte das nossas igrejas de hoje. Em 1912, Arthur G. Daniels, Presidente da Conferência Geral, escreveu um aviso para as igrejas que exigiam ter um Pastor dedicado a cuidar e a servir apenas as necessidades dos membros batizados. Daniels temia que se perdesse a cultural missionária. Ele escreveu: “Em grande medida, nós não instalámos os nossos ministros em igrejas como Pastores. Em algumas igrejas muito grandes, temos elegido Pastores; mas, em regra, temos nos reservado para o serviço no campo missionário, para o trabalho evangelístico e os nossos irmãos e as nossas irmãs têm-se aprumado para manter a funcionar os serviços da sua igreja e para levar avante as operações eclesíásticas sem terem Pastores instalados. E eu

espero que isto nunca deixe de ser a ordem dos factos nesta denominação; pois quando cessarmos o nosso movimento para diante e começarmos a nos instalar nas igrejas, ficar ao pé delas, pensarmos e orarmos por elas e fazermos o trabalho por elas, então as nossas igrejas ficarão fracas e perderão a sua vida e o seu espírito, ficando paralisadas e fossilizadas, e a nossa Obra estará em retrocesso.”⁶

Adotar uma mentalidade de crescimento

Em 2006, aceitei um chamado para me tornar um implantador de Igreja a tempo inteiro na Associação do Texas. Eu era parte de um movimento missionário começado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia de Richardson, que tinha um Pastor muito orientado para a missão e uma equipa de anciãos focada no evangelismo. Colaborando há mais de 20 anos, a

Quando cessarmos o nosso movimento para diante e começarmos a nos instalar nas igrejas, ficar ao pé delas, pensarmos e orarmos por elas e fazermos o trabalho por elas, então as nossas igrejas ficarão fracas e perderão a sua vida e o seu espírito, ficando paralisadas e fossilizadas, e a nossa Obra estará em retrocesso.

igreja de Richardson e as suas igrejas “filhas” implantaram 14 novas congregações com um total de mais de 3000 membros.

Hoje a maior parte das igrejas que estão centradas em si estagnaram ou encontram-se em declínio, enquanto aquelas que adotaram a implantação de igrejas como parte da sua estratégia missionária estão a crescer e a multiplicar-se. Para se tornarem de novo parte de um movimento missionário, as igrejas adventistas devem empenhar-se em multiplicar os discípulos, desenvolver líderes e olhar para além da sua igreja “Jerusalém”, de modo a incluírem a implantação de igrejas como parte da sua visão evangelística.

Imagine comigo que a sua igreja decidia implantar uma nova igreja de dez em dez anos. Depois cada igreja novamente implantada comprometeria-se a fazer o mesmo. Por volta de 2055 poderiam existir 16 novas igrejas adventistas em 16 novas áreas! Agora imagine que um terço das 168 000 congregações ao redor do globo faziam o mesmo compromisso.⁷ Poderíamos

dobrar o número de igrejas adventistas no mundo em 30 anos. Está pronto para regressar às suas raízes missionárias apostólicas e adventistas e ir para além da sua “Jerusalém”?

“E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim” (Mateus 24:14).

1

James White, “Go Ye into All the World and Preach the Gospel”, *Review and Herald*, 15 de abril de 1862, p. 156.

2

Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 19.

3

Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), vol. 6, p. 24.

4

Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), vol. 7, p. 19.

5

Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), vol. 8, p. 244.

6

Arthur G. Daniels, “The Church and Ministry: An Outline of Lesson nº 5”, *Pacific Union Recorder*, 4 de abril de 1912, p. 1.

7

Seventh-day Adventist World Statistics, 2021, retirado de <https://www.adventist.org/statistics/>.



A honestidade é recompensada

A história de José e
Catherine Gearing.



Dick Duerksen
Pastor

*Retirado da revista Adventist
World de junho de 2025*

A nossa história começa no princípio da década de 1960.

“Há uma diferença de 45 centimos na sua caixa, jovem. São 45 centimos a mais do que deveria ter na caixa no fim deste dia de trabalho.”

Olhei novamente para os números. O meu chefe, o senhor Britt, o gerente financeiro do Hospital, tinha razão. Eu tinha tentado fechar as contas até ao centimo, mas era jovem e não tão perfeito como ele queria que eu fosse.

“Richard, deixa-me contar-te uma história.” O senhor Britt fez-me sinal para eu me sentar na cadeira da receção, onde eu tinha estado a trabalhar. Eu sentei-me, mas com a minha mente a rever as contas dos pacientes com os quais tinha lidado naquele dia. Como é que me podia sobrar 45 centimos?

“Por volta do ano de 1928”, começou ele, “o empregado da caixa era

um jovem chamado E. E. Martin e o gerente financeiro era o senhor Harley Rice. O jovem Martin sentava-se precisamente nesse mesmo escritório onde tu te sentas hoje. Naquele dia, ele interrogava-se por que razão havia 45 centimos a mais na caixa. Tinha sido um dia cheio. Um dos pacientes, um homem chamado Henry Porter, tinha tentado pagar uma parte da sua conta com alguns coupons estranhos, em vez de usar dinheiro ou cheque.

“O senhor Porter tinha contactado o nosso hospital – que naquela época se chamava Sanatório de Vale do Paraíso – porque tinha uma forte constipação e acreditava que alguns dias de tratamentos de hidroterapia o ajudariam. Nós enviámos um carro para o ir buscar ao seu hotel, o Hotel Del Coronado. Demos-lhe um dos nossos melhores quartos, com água corrente e uma casa de banho, e ele fi-



Harley recebeu uma carta do senhor Porter. Nela vinha o cheque endossado no nome do Sanatório do Vale do Paraíso, com uma nota de apreciação pela honestidade do senhor Rice.

cou ali quase uma semana. Ele deve ter gostado bastante, porque a sua esposa veio se lhe juntar nos últimos dias.”

“Senhor Britt”, interrompi eu, “esse senhor Porter deve ter incorrido numa conta elevada!”

“Estás certo, jovem. Quando o senhor Porter se apresentou para pagar a conta, o caixa, o senhor Martin, mostrou-lhe a nota de dívida. O senhor Porter deu uma vista de olhos e passou um cheque para cobrir tudo, menos a sua grande conta telefónica. Para pagar esta, ele sacou de um livro com coupons e tirou os suficientes para pagar a conta de telefone. Depois, ele entregou o cheque e os coupons ao senhor Martin, que nunca tinha visto nada semelhantes àqueles estranhos coupons.”

“Eu também nunca vi nada semelhante, senhor Britt. Provavelmente eu teria ido verificar a questão consigo.”

“E foi exatamente isso que o senhor Martin fez! Ele pegou nos certificados, sorriu e pediu escusa para ir consultar o diretor financeiro, Harley Rice.”

“Como é que o senhor Martin se enganou em 45 cêntimos ao fazer a conta?”

“Não avances mais depressa do que eu”, riu o senhor Britt.

“Está bem. Os coupons valiam alguma coisa?”

“Valiam sim. Harley Rice telefonou para a operadora telefónica em San Diego e pediu para falar com o gerente. Quando o gerente atendeu o telefone, Harley falou-lhe dos coupons do senhor Porter e perguntou o que eram.”

“Esses coupons são emitidos apenas para uso dos nossos grandes acionistas e dos membros da Administração da companhia telefónica”, disse o gerente. ‘Por favor, aceitem-nos como se fossem dinheiro.”

“O senhor Porter deveria ser um homem bastante importante!”

“Bem, ninguém aqui pensou muito sobre isso, mas naquela tarde, quando estava a fechar a caixa, o senhor Martin descobriu que tinha 45 cêntimos a mais, tal como aconteceu contigo hoje. Harley Rice reviu as contas e descobriu que tínhamos calculado incorretamente parte da conta do senhor Porter, pelo que lhe devíamos 45 cêntimos.”

“Quarenta e cinco cêntimos não é muita coisa. Como resolveram eles a questão?”

“Era muita coisa para Harley Rice. Ele corrigiu rapidamente a conta e enviou uma carta pedindo desculpas, datada de 10 de fevereiro de 1928, mais um cheque de 45 cêntimos para o senhor Porter, residente no Hotel Del Coronado.”

“O que pensou o senhor Porter sobre isso?”

“Dois dias depois, Harley recebeu uma carta do senhor Porter. Nela vinha o cheque endossado no nome



Eu contei-te esta história para que te lembres sempre de ser minucioso e bondoso, e para te assegurares de que o teu trabalho é feito com precisão e perfeição.

do Sanatório do Vale do Paraíso, com uma nota de apreciação pela honestidade do senhor Rice.”

“Senhor Britt, contou-me esta história para me fazer sentir melhor a propósito dos 45 cêntimos que estão a mais na caixa?”

“Não, Dick. Eu contei-te esta história para que te lembres sempre de ser minucioso e bondoso, e para te assegurares de que o teu trabalho é feito com precisão e perfeição.”

“Parece-me, então, que a história não acaba aqui.”

“Pois não. A 16 de abril de 1928, Harley recebeu outra carta manuscrita do senhor Porter, desta vez com o carimbo de Denver, Colorado. Eis o que a carta dizia:

“Por favor, pode-me dar o endereço do gerente das vossas várias instituições. Gostaria de me corresponder com ele no tocante ao estabelecimento de uma instituição semelhante em Denver.”

“E ele fê-lo realmente?”

“Não te adiantes à minha história!”

“Desculpe, senhor Britt.”

“Harley enviou a carta ao seu pai, o Pastor M. L. Rice, que era o Secretário-Associado do Departamento



de Saúde da Conferência Geral em Washington, D.C.. Depois, não pensou mais no assunto. Nem ele, nem o seu pai realmente acreditaram no que o senhor Porter estava a dizer quanto ao estabelecimento de um novo hospital. Mas o plano de viagens do Pastor Rice incluía uma paragem de quatro horas na estação de comboios de Denver, pelo que ele enviou ao senhor Porter uma nota em que se oferecia para ter um encontro com ele nesse intervalo de tempo entre comboios.

“É estranho”, disse o Pastor Rice ao seu filho, ‘que este homem queira falar sobre a implantação de um hospital em Denver. Não saberá ele que já temos um excelente Sanatório em Bolder, apenas a alguns quilómetros de Denver?’ Assim, o Pastor Rice decidiu informar o senhor Porter sobre o Sanatório de Bolder e apanhou o comboio.

“Quando o senhor Porter recebeu a carta do Pastor Rice, ele riu-se, percebendo que nem Harley, nem o seu pai acreditavam que ele estava a falar a sério.

“Isso mudou quando o senhor Porter se encontrou com o Pastor Rice na estação de comboios. Ele fez o seu convidado entrar na sua limousine dirigida por um condutor uniformizado e levou-o a dar uma volta por Denver, mostrando-lhe todos os edifícios que os Porter possuíam.

“A viagem incluiu duas paragens muito importantes. A primeira foi no edifício do Banco Nacional de Denver, onde o senhor Porter era presidente. A segunda foi junto de um terreno com muitos hectares à saída da cidade de Denver.

O senhor Porter ofereceu um total de mais de 3 milhões de dólares ao hospital porque aprendera que podia confiar-nos a sua saúde e a sua riqueza.

“Este terreno será onde se localizará o vosso novo hospital, Pastor Rice. Decidi dar-vos 330 000 dólares para a construção de um novo hospital. Isso cobrirá os custos do terreno, do edifício e do equipamento. Olhe, deixe-me levá-lo a uma parte do terreno em que poderão instalar uma quinta pequena para produzirem frutas e vegetais para os vossos hóspedes.’

“O Pastor Rice ficou espantado e ansioso, tudo ao mesmo tempo.

“Eu ajudarei na instalação”, disse o senhor Porter, ‘mas vocês terão de operar o hospital por vossa conta. Eu sei que o podem fazer, porque conheço o seu filho Harley e os outros empregados do Sanatório de Vale do Paraíso. Sei que vos posso confiar a minha saúde e a minha riqueza.”

“Tudo por causa de um cheque de 45 centimos!”

“Não, jovem. O senhor Porter ofereceu um total de mais de 3 milhões de dólares ao hospital porque aprendera que podia confiar-nos a sua saúde e a sua riqueza.

“Agora”, sorriu o senhor Britt, “descubra em que conta se enganou em 45 centimos.”



—
Marcos Osório
Arqueólogo



RádioRCS
91.2 fm



radiorcs.novotempo.pt
[/podcasts/gravado-na-pedra](http://podcasts/gravado-na-pedra)



GRAVADO NA PEDRA

O túnel de Jerusalém:
A engenharia de
resistência do rei
Ezequias

Em 1838, um rapaz que brincava nas imediações da nascente de Gihon descobriu a entrada de uma estreita passagem subterrânea, que o arqueólogo Edward Robinson veio a confirmar, mais tarde, tratar-se de um antigo túnel escavado no subsolo de Jerusalém, construído para garantir o abastecimento de água potável dentro do recinto muralhado.

Situada sobre um promontório, a antiga Cidade de Davi beneficiava de defesas naturais em quase todos os flancos. No entanto, a nascente de Gihon (do hebraico “Jorrar”), a sua principal fonte de água doce, localizava-se fora de muralhas, na escarpa virada para o vale de Cedron. A conduta tinha como objetivo desviar a água dessa nascente para o interior do aglomerado populacional, onde poderia ser recolhida pelos habitantes, através de um profundo poço vertical. Posteriormente, o fluxo era dirigido para sul, até um reservatório situado no extremo sudoeste da cidade, que viria a ser conhecido como o tanque de Siloé.

Segundo o relato bíblico, foi o rei Ezequias quem ordenou a construção de uma conduta subterrânea, escavada na rocha, para desviar a água da nascente para dentro do núcleo urbano, no contexto da campanha militar do rei assírio Senaqueribe I, contra Judá, no ano 701 a.C.. Antecipando um possível cerco e temendo que os inimigos cortassem o acesso à água, o monarca garantiu assim o abastecimento durante o conflito.

O episódio é relatado no segundo livro de Crônicas, no capítulo 32:3 e 4: “E aconselhou-se com seus oficiais

e seus homens poderosos a deter as águas das fontes que estavam fora da cidade, e eles o ajudaram.” De acordo com o texto de II Reis 20:20, ele terá construído várias estruturas para fornecer água à cidade: “E o resto dos acontecimentos de Ezequias e todos os seus feitos poderosos, e como ele fez a conduta e o tanque, e trouxe a água para a cidade, estão escritos no livro das crônicas.”

Ainda assim, há quem duvide de que tenha sido o rei Ezequias a dar ordem para a abertura do túnel, quando Jerusalém enfrentava a iminente ameaça assíria, no final do século VIII a.C.. Um dos principais argumentos invocados diz respeito ao tempo necessário para a escavação integral do seu traçado.

Com base na composição da rocha calcária do subsolo de Jerusalém, os geólogos sustentam que esta conduta subterrânea, com cerca de 533 metros de extensão, traçado sinuoso e dupla curvatura, não poderia ter sido escavada em menos de quatro anos (Sneh, Shalev e Weinberger, 2010: 62). Dado que a Bíblia não especifica o intervalo de tempo entre a ameaça assíria e o cerco propriamente dito, é legítimo questionar se Ezequias dispôs do tempo necessário para mandar escavar este túnel, antes da chegada de Senaqueribe.

É possível que o monarca tenha iniciado a sua construção muito antes da ofensiva militar, prevendo um conflito iminente com o Império Assírio, possivelmente com base em sinais políticos e informações diplomáticas obtidas. Outra hipótese plausível é que o túnel já estivesse em construção



Fig. 1 – A entrada do túnel de Ezequias (©Chabad.org).

e tenha sido acelerado, à medida que a ameaça assíria se tornava mais iminente.

Com base nas escavações dos restos de um edifício, junto ao poço de Gihon, datado do final do século IX e início do século VIII a.C., que selou a abertura do túnel, os arqueólogos Ronny Reich e Eli Shukron (2011: 149) defenderam que a construção pode ter sido iniciada por um dos antecessores de Ezequias, possivelmente durante o reinado de Joás (entre 835-801 a.C.), ou seja, cerca de cem anos antes do cerco assírio. Poderá ter sido o rei Joás o responsável pela edificação deste túnel?

Para os que defendem que o túnel foi obra do rei Ezequias, a descoberta

da inscrição de Siloé, em 1880, vinte e dois anos depois, na extremidade sul do túnel, a cerca de seis metros da saída, junto ao tanque de Siloé, constitui o maior argumento a favor da sua construção por ordem deste monarca. Com base na análise paleográfica do texto, redigido em hebraico antigo, os investigadores dataram-na do século VIII a.C., coincidindo com o reinado de Ezequias (Hendel, 1996: 236).

Este é o único caso conhecido, no antigo reino de Judá, de uma placa epigráfica associada à inauguração de uma obra pública. Esta singularidade é frequentemente atribuída à sobriedade e à modéstia que caracterizavam a monarquia judaica, em claro contraste com a ostentação habitual dos reinos egípcios e mesopotâmicos, onde era comum a celebração monumental das obras régias (Rendsburg e Schniedewind, 2010: 188, nota 2).

Contudo, a datação atribuída à inscrição de Siloé continua a ser objeto de debate. O texto faz apenas uma descrição poética da conclusão da obra, não refere uma data precisa, nem faz qualquer referência explícita ao rei Ezequias ou a Senaqueribe, o que levanta dúvidas quanto à sua cronologia exata. E embora a maioria dos investigadores a enquadre na época do seu reinado, há quem proponha datas mais tardias, como John Rogerson e Philip Davies (1996: 146) que defendem a hipótese de a inscrição poder pertencer já ao período hasmoneano, ou seja, ao século II a.C..

Não obstante as incertezas quanto à cronologia da epígrafe e do túnel, datações recentes com recurso a téc-

nicas radiométricas vieram trazer novos elementos ao debate. As análises por radiocarbono (C^{14}) aplicadas a materiais orgânicos presentes no reboco original do túnel, bem como as datações por urânio-tório, baseadas na taxa de desintegração dos isótopos radioativos presentes nos espeleotemas formados após a escavação da conduita (Frumkin, Shimron e Rosenbaum, 2003), indicam, de forma consistente, uma datação em torno de 700 a.C., reforçando a ideia de que o túnel foi construído durante o período tradicionalmente atribuído ao reinado de Ezequias.

Em julho de 1890, a inscrição foi vandalizada e removida da parede do túnel, fragmentando-se em sete partes e sofrendo danos em várias letras. Felizmente, anos antes, haviam sido feitos moldes da inscrição, que se conservaram e tornaram possível a sua reprodução.

Na época, Jerusalém encontrava-se sob domínio do Império Otomano e as autoridades iniciaram uma averiguação para encontrar o autor do furto, acabando por capturá-lo e recuperar a epígrafe. A peça original foi então enviada para Istambul, onde permanece exposta no Museu Arqueológico da

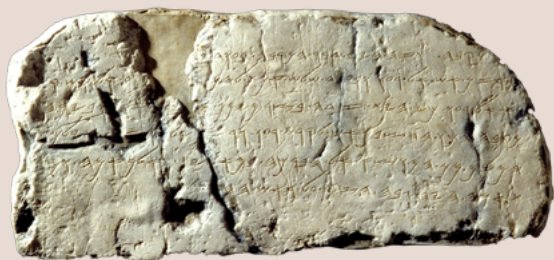
cidade. Uma réplica fiel pode ser vista atualmente no Museu de Israel, em Jerusalém.

A inscrição de Siloé é testemunho do engenho e da complexidade desta impressionante obra hidráulica da Antiguidade: escavar um longo túnel sinuoso através da rocha calcária, a cerca de 50 metros abaixo da superfície, mantendo uma inclinação constante, suficiente para garantir o escoamento regular da água desde a nascente até ao tanque de Siloé, foi um feito notável de engenharia no mundo antigo.

O texto relata que os trabalhadores iniciaram a escavação do túnel, em simultâneo, a partir das extremidades opostas, encontrando-se a meio do percurso, em vez de optarem pela solução mais fácil, descendo a ladeira abaixo a partir da nascente. Este dado é uma demonstração da notável perícia técnica, mas também sugere uma urgência extrema em completar a obra, muito provavelmente no contexto da iminente ameaça assíria (Shah-reen, 1977: 107).

Não obstante, há uma questão que continua sem resposta: se o túnel foi escavado a partir de dois pontos opostos da colina, que método terão utilizado os engenheiros da época para calcular o ângulo ideal de escavação, de forma a garantir o encontro das duas frentes? Como foi possível, com os conhecimentos e instrumentos disponíveis no século VIII a.C., alinhar a inclinação e a direção com tamanha precisão? Uma hipótese plausível é que os escavadores do lado nordeste tenham seguido a inclinação natural da água que fluía pela encosta, usando

Fig. 2 – A inscrição de Siloé (©Zeev Radovan).



o seu escoamento como indicador do declive. Ainda assim, como observam Sneh, Shalev e Weinberger (2010: 61), a probabilidade de sucesso numa empreitada destas, sem instrumentos topográficos modernos, era extremamente reduzida, tornando este encontro subterrâneo uma extraordinária façanha da engenhosidade dos antigos.

Foi sugerido que os trabalhos poderão ter sido conduzidos sob orientação vinda da superfície (Shaheen, 1979: 103), hipótese que encontra algum apoio na própria descrição da inscrição de Siloé. A frase final diz que: “A altura da rocha acima das cabeças dos trabalhadores era de cem côvados.” Esta observação revela que os mestres de obra tinham consciência da profundidade do túnel em relação à superfície do terreno, ao longo da escavação, indiciando um notável grau de conhecimento topográfico.

No entanto, é duvidoso que sons tão ténues pudessem ser transmitidos com eficácia através de dezenas de metros de rocha. O texto epigráfico revela, aliás, que os escavadores só conseguiram ouvir-se mutuamente quando já se encontravam a poucos metros de distância, o que sugere que a comunicação sonora foi útil apenas

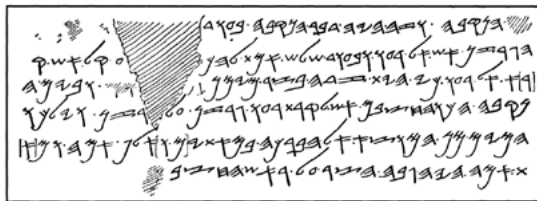


Fig. 3 – Decalque gráfico da inscrição de Siloé (In Rogerson e Davies, 1996: 144).

no momento final do encontro entre as duas frentes de trabalho.

A descoberta do Túnel de Ezequias e da Inscrição de Siloé assume uma importância notável tanto do ponto de vista arqueológico como bíblico. Por um lado, revelam o nível surpreendente de planeamento urbano e domínio técnico alcançado no reino de Judá, capaz de executar uma obra de elevada complexidade, mesmo diante de uma ameaça iminente. Por outro lado, estas evidências materiais oferecem uma valiosa confirmação externa dos episódios relatados nas Escrituras, reforçando a sua credibilidade histórica. Mais do que simples restos do passado, o túnel e a sua inscrição são testemunhos eloquentes de um momento decisivo na história de Jerusalém: quando a fé e o engenho se uniram para garantir a sobrevivência da cidade de Sião.

Bibliografia:

FRUMKIN, Amos; SHIMRON, Aryeh; ROSENBAUM, Jeff (2003) – *Radiometric Dating of the Siloam Tunnel, Jerusalem. Nature.* 425, p.169-171.

HENDEL, Ronald S. (1996) – *The Date of the Siloam Inscription: A Rejoinder to Rogerson and Davies. The Biblical Archaeologist*, 59:4, p. 233-237.

REICH, Ronny; SHUKRON, Eli (2011) – *The Date of the Siloam Tunnel Reconsidered. Tel Aviv.* 38:2, p. 147-157.

RENDSEBURG, Gary A., SCHNIEDEWIND, William M. (2010) – *The Siloam Tunnel Inscription: Historical and Linguistic Perspectives. Israel Exploration Journal.* 60:2, p. 188-203.

ROGERSON, John; DAVIES, Philip R. (1996) – *Was the Siloam Tunnel Built by Hezekiah? The Biblical Archaeologist.* 59:3.

SHAHEEN, Naseeb (1977) – *The Siloam End of Hezekiah's Tunnel. Palestine Exploration Quarterly.* 109:2, p. 107-112.

SHAHEEN, Naseeb (1979) – *The Sinuous shape of Hezekiah's Tunnel. Palestine Exploration Quarterly.* 111:2, p. 103-108.

SNEH, Amihai; WEINBERGER, Ram; SHALEV, Eyal (2010) – *The Why, How, and When of the Siloam Tunnel*

Reevaluated. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research.* 359. The University of Chicago Press, p. 57-65.



Rúben de Abreu

Entrevistado por Ezequiel Duarte

Hoje vamos conversar com o Pastor Rúben de Abreu, antigo Presidente da União Franco-Belga da Igreja Adventista do Sétimo Dia e atual Secretário-Executivo da Divisão Inter-Europeia. Rúben João Ferreira Simões de Abreu nasceu a 31 de dezembro de 1965. Desde cedo revelou um forte desejo de tornar-se Pastor, tendo estudado no Colégio Adventista de Oliveira de Douro. Com apenas 18 anos vai para França a fim de estudar Teologia. É aí que conhece Véronique, de ascendência franco-canadiana, com quem se casa e tem dois filhos, o Micael e o Gabriel. Regressa a Portugal, onde assume a liderança de diversas igrejas como Pastor, sendo que, com apenas 40 anos,

passa a ocupar o cargo de Secretário-Executivo da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, cargo que ocupa até 2012. Um ano depois, regressa a França para assumir a presidência da União Franco-Belga, tendo sido reeleito em 2018 e 2023.

ED: Bem-vindo, Rúben. Tu nasceste num lar adventista do sétimo dia, certo?

RA: Sim. Eu sou a terceira geração de adventistas. Os meus filhos são a quarta geração. Os meus avós eram católicos devotos, que, no desenvolvimento da sua vida espiritual, conheceram o adventismo e converteram-se. A minha mãe foi educada na Igreja e

aconteceu a mesma coisa do lado do meu pai, na igreja do Porto. Nas atividades de jovens entre igrejas os meus pais acabaram por se conhecer e quando eu nasci eles já eram Adventistas.

ED: Os teus pais influenciaram-te?

RA: E penso que realmente me influenciaram. Nomeadamente, no meu desenvolvimento espiritual. O meu pai foi muito importante. Ele era colportor de avançada. Era uma pessoa muito comprometida com os estudos bíblicos. No Sábado à tarde dava estudos bíblicos. Ele pregava na igreja. E desde muito cedo comecei a acompanhá-lo, aos Sábados à tarde, nas sessões de estudos bíblicos que ele dava. Num dado momento, devia eu ter os meus 13 anos, ele disse-me: “Bom, até agora tens estado a ouvir. hoje és tu que vais dar o estudo bíblico.”

ED: Podes dizer que, com 13 anos, já dizias que ser Pastor era aquilo que tu querias fazer na vida?

RA: Mesmo mais cedo. Para mim foi muito natural desenvolver-me para ser Pastor. Quando eu comecei os meus estudos do Ensino Secundário, todas as opções eram por aí. Não via outra opção.

ED: O primeiro estudo bíblico que tu deste a alguém foi aos 13 anos. Atualmente ainda consegues ter tempo para dar estudos bíblicos?

RA: Esforço-me por isso. Embora as coisas tenham mudado e seja tudo muito diferente, eu participei ainda há algum tempo numa atividade de

jovens numa das igrejas do nosso território e dois jovens pediram para serem acompanhados por mim nos seus estudos bíblicos. Fi-lo com muito gosto.

ED: Como qualquer Pastor, tu começaste pelas bases. Começaste em Portugal como estagiário na série de conferências do Pastor Brad Thorp. Depois estiveste em diversas igrejas em Portugal. Recordas-te de qual terá sido o teu maior desafio?

RA: O primeiro desafio foi a transição do mundo escolar, onde tudo é apresentado de uma forma teórica e idílica, para a realidade do dia-a-dia. Aquilo que para mim terá sido uma vantagem foi todo o percurso que eu pude fazer na igreja de Oliveira de Douro e na igreja de Collonges, onde cheguei a integrar o Conselho de Igreja e onde fui chefe de diáconos, o que permitiu que eu conhecesse, na prática, também o funcionamento da igreja. Eu lembro-me que a minha primeira missão em Portugal foi abrir o trabalho na igreja de Moura, onde eu fui apresentado. E depois nunca lá mais voltei como Pastor. Só lá estive um fim-de-semana, porque fui recolocado em Peniche. Tendo acabado de sair da Faculdade de Teologia, procurava ensinar e usava o grego e o hebraico para me ajudar nessa tarefa. Ora, havia uma senhora, já com muita idade, em Peniche. No fim do meu terceiro sermão ela vem ter comigo, dá-me o braço e diz-me: “O Pastor é muito simpático. Gosto muito de si. Gosto muito de o ouvir, mas não percebo absolutamente nada do que diz.” E isto foi marcante. Ensinou-me que a pregação não é um

exercício de cultura, uma conferência ou um discurso. Ela serve para mostrar Cristo e transmitir isso numa linguagem que todas as pessoas, dos mais novos aos mais idosos, dos mais cultos aos menos cultos, compreendam.

ED: Foste Diretor de Jovens em Portugal. Se tu não tivesses nenhuma limitação de recursos humanos e orçamentais, que projeto ligado aos jovens é que gostarias de implementar?

RA: Eu penso que não seria tanto uma questão de recursos financeiros ou de limites financeiros. O sonho que eu tenho e que mantenho é o de transmitir o valor que Cristo atribui a cada jovem. Nós vivemos numa sociedade em que se desvaloriza o ser humano. Eu gosto muito dos textos de Isaías, capítulos 40-53. São textos extraordinários. É o que eu designo como sendo o Evangelho do Antigo Testamento. Aí o profeta, em nome de Deus, diz ao Seu povo: “Tu tens um enorme valor aos meus olhos. Eu daria isto, aquilo e aqueloutro por ti.” Transmitir isto passa, em grande medida, não por grandes eventos, mas pelo ensino e pela transmissão no relacionamento pessoal. Se eu pudesse escolher essa parte do meu ministério, eu deixava já a administração.

ED: As pessoas que são mais próximas de ti são unânimes em dizer que tu valorizas muito as pessoas. E que isso te tornou um trabalhador incansável. Sempre fizeste muitas coisas e isso acabou por te custar a saúde. Houve um momento muito difícil da tua vida em que simples-

[A Pregação] serve para mostrar Cristo e transmitir isso numa linguagem que todas as pessoas, dos mais novos aos mais idosos, dos mais cultos aos menos cultos, compreendam.



mente perdeste a visão. Recordas-te desse tempo de excesso de trabalho?

RA: Eu vivia na Anadia. Era responsável pelas igrejas de Vila Nova de Monsarros e de Sangalhos. Fui nomeado Diretor do Departamento de Jovens da UPASD e tinha o escritório em Lisboa. Durante a semana fazia esse trajeto. Ao fim-de-semana estava com as igrejas ou em atividades com os jovens. Uma vez, eu voltava de Lisboa e fiquei durante algum tempo sem ver enquanto estava a conduzir. O que aconteceu é simples de explicar. Eu tenho uma herança familiar de diabetes. E devido ao desregulamento da situação de saúde, resultante de comer mal, de não comer a horas, despoletou-se uma situação aguda de diabetes. Passei algum tempo internado no hospital de Coimbra, mas o Senhor ajudou-me. Para mim foi o momento de uma grande lição. Eu coloquei-me a questão: “Como vou viver sem ver os meus próximos, sem ver o rosto da minha mulher, dos meus filhos, daqueles que estão à minha volta?” E isso levou-me a recordar a experiência do apóstolo Paulo. A única coisa que me vinha à mente era: “A minha graça te basta. A minha graça te basta.” E vinha ao mesmo tempo essa noção de que falava há instantes. As capacidades são importantes, mas elas são-te

As capacidades são importantes, mas elas são-te dadas por Deus. Não serve de nada fazeres tudo, por ti, se não pões Deus primeiro.

dadas por Deus. Não serve de nada fazeres tudo, por ti, se não pões Deus primeiro. Tens de saber que, mesmo que tenhas de parar, o caminho tem de ser sempre com o Senhor. Descobrir desta maneira esta dimensão da graça da parte de Deus foi um momento muito importante, porque foi um momento revelador para mim.

ED: Rúben, depois do Departamento de Jovens e do Secretariado-Executivo da UPASD, em 2013 és chamado para assumir a Presidência da União Franco-Belga. Foi algo que te surpreendeu? Terem chamado um português para assumir a direção da Igreja Adventista do Sétimo Dia em França e na Bélgica?

RA: Sim. Foi uma experiência completamente inusitada. Devo dizer que, nessa altura, eu estava em diálogo com o Departamento de Missões da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, porque havia uma proposta para eu ir trabalhar para o Norte de África. Mas nesse fim-de-semana aconteceu a Assembleia da União Franco-Belga e, no domingo, eu estava com os Desbravadores de Setúbal na praça, em uniforme, a fazer uma atividade, e recebo um telefonema do Presidente da Divisão a dizer-me que o meu nome saía na comissão de nomeações e a perguntar-me se eu estava disponível. Eu disse: “Bom, eu tenho este compromisso com o Norte da África.” Ele diz-me: “Bem, deixemos o teu nome seguir, porque não é comum os Franceses virem buscar um Português.” A verdade é que, um quarto de hora depois, ele liga-me e



Eu vejo claramente a mão de Deus na construção das coisas, porque, se não fosse todo o percurso que nós já tínhamos feito (...) nunca teria sido possível aceitar em 10 minutos mudar toda a nossa vida.

diz-me: “O teu nome foi votado, passou, sem qualquer problema, agora cabe-te decidir.” Eu respondi: “Preciso de algum tempo, preciso de falar com a minha família, preciso falar com o Presidente da União Portuguesa.” Menos de 10 minutos depois ele volta a telefonar-me: “Então, já decidiste?” E foi assim que me tornei Presidente da União Franco-Belga. Eu vejo claramente a mão de Deus na construção das coisas, porque, se não fosse todo o percurso que nós já tínhamos feito para nos prepararmos a fim de irmos para o Norte de África, nunca teria sido possível aceitar em 10 minutos mudar toda a nossa vida.

ED: Já estás desde 2013 como Presidente da União Franco-Belga. Quais foram os grandes desafios que tu enfrentaste?

RA: É muito diferente da realidade portuguesa. Temos desafios estrutu-

rais e temos desafios internos e eclesiais. Os desafios estruturais prendem-se com as questões de legislação. Eu passei os meus primeiros seis meses a ler a lei francesa pertinente e em formação. Eu dou-te um exemplo. Tu conheces a lei da liberdade religiosa que define o culto em Portugal. Trata-se de uma coisa recente, do princípio dos anos 2000, e que é relativamente sucinta. Na França, a lei da liberdade religiosa é uma lei de 1905. Eles não eliminam as normas revogadas, eles acrescentam as alterações. É um princípio francês. Isso levanta questões de compreensão, da gestão entre aquilo que é possível fazer e aquilo que não é. Aquilo que a laicidade francesa permite e o que não permite. Porque, às vezes, confunde-se o secularismo francês com o secularismo à americana. Mas não é a mesma coisa. Na América há indiferença, mas a religião está no meio da sociedade. Já o sentido da laicidade francesa vem da herança da revolução francesa, que exclui e é contra o próprio fenómeno religioso. Não o espiritual, mas o religioso. E eu tive de aprender a trabalhar com isso. A segunda questão estrutu-



ral é que, em Portugal, nós somos uma União de Igrejas, o que quer dizer que existe uma estrutura única. Na União Franco-Belga nós temos três Associações que dividem o território. A União tem de gerir o seu território através dessas Associações: A Associação do Norte da França, a Associação do Sul da França e a Associação da Belgo-luxemburguesa. Isso faz com que elas tenham diferenças de dimensão geográfica, diferenças culturais, diferenças de recursos. Outra diferença com o caso da União de Igrejas em Portugal, por exemplo, é que, em Portugal, a União gere diretamente os Pastores. Na União Franco-Belga eu não tenho a gestão dos Pastores. Isso compete às Associações locais. O meu papel passa a ser muito mais de coordenação, de supervisão, de verificar que as coisas são aplicadas segundo a lei, segundo os regulamentos de funcionamento da Igreja. E aí vem o outro grande desafio eclesialístico. A questão da diversidade. A integração das três Associações num projeto comum, quando elas cresceram de maneira muito diferente. Depois o desafio

da integração dentro da própria Igreja. Nós somos uma União com uma rara diversidade cultural e linguística. Nós temos 16 comunidades linguísticas. Temos Pastores brasileiros, cabo-verdianos, romenos, ganeses. Temos até um Pastor coreano. Esta diversidade é um desafio extraordinário.

ED: Rúben, a última pergunta que eu te faço é a pergunta que faço a todos os meus convidados. Como é que gostarias de ser lembrado?

RA: Eu apenas gostaria de ser lembrado como alguém que andou com Deus. Penso que seria a coisa mais extraordinária. O resto, funções são funções. São a necessidade. Mas o amor ao Senhor, a dedicação ao Senhor, a perseverança espiritual de andar com o Senhor até ao fim são os frutos da minha vida que gostaria que fossem recordados.

ED: Rúben, muito obrigado pela partilha e por nos teres dado a conhecer um pouco mais sobre a tua vida.

RA: Muito obrigado.



Artur Machado
*Diretor do Serviço de
Capelarias da UPASD*

O Ministério de Capelarias na União Portuguesa

O Serviço de Capelarias teve o seu início na Igreja Adventista do Sétimo Dia no Colégio de Battle Creek, tendo-se estendido depois ao Sanatório com o mesmo nome e, mais tarde, a outras instituições de saúde da Igreja.¹ Este ministério acabou por ser reconhecido oficialmente na 54ª Sessão da Conferência Geral, em 1985, com o objetivo de apoiar e promover o trabalho dos capelães em todo o mundo.² Na União Portuguesa, o Serviço de Capelarias foi organizado na XVIIIª Assembleia Geral de Comunidades, no ano 2012.

Este serviço desenvolve um ministério de acompanhamento espiritual através da ação dos capelães institucionais e dos assistentes espirituais e religiosos. O seu objetivo é assistir espiritualmente as pessoas no ambiente em que se encontram (lares, hospitais, prisões, escolas) e envolvê-las num relacionamento pessoal com Jesus, que as ajude a descobrir o propósito de Deus para si, capacitá-las para resistirem às dificuldades da existência e motivá-las para prosseguirem com o plano de Deus para a sua vida.

Em Portugal, o ministério de Capelarias é desenvolvido em quatro áreas distintas: A área da educação, a área social, a área da saúde e a área prisional.

Ao nível da educação a capelania é exercida no âmbito das instituições educativas Adventistas: Colégio dos Talentos, Colégio Adventista de Setúbal, Jardim de Infância Arco-Íris, Colégio Adventista de Oliveira do Douro e Escola Adventista do Funchal. Em cada uma destas

instituições, um Pastor partilha com alunos, professores e auxiliares de ação educativa aspetos dos valores e dos princípios bíblicos através da meditação diária. Também ora com eles e está disponível para atender às necessidades espirituais da população escolar e das suas famílias. Anualmente, os capelães realizam a Semana de Oração e envolvem-se também noutros programas realizados pelas escolas, em que a sua presença é solicitada.

Ainda no âmbito da educação, o ministério de capelania, atende às necessidades espirituais dos universitários, tendo, em cada Região Eclesiástica, um capelão dedicado a este universo e, a nível nacional, um capelão-geral que é o Diretor do Serviço de Capelania.

Na área Social, constituída na sua maioria pelos Lares Adventistas, (L.A.P.I. Sul, L.A.P.I. Norte, L.A.P.I. Centro e L.A.P.I. Funchal), existe também um capelão que realiza a meditação espiritual, a visitação aos utentes que o desejem e o acompanhamento espiritual de utentes, profissionais e respetivos familiares.

Na área da saúde, o Serviço de Capelania colabora com a Associação Portuguesa de Medicina Preventiva, na Clínica *VitaSalus*, onde uma Promotora Bíblica exerce a função de capelã, adicionando o acompanhamento espiritual à formação e aos cuidados de saúde prestados às pessoas que ali se deslocam à procura de um rumo novo para a sua saúde e para a sua vida.

Ainda na área da saúde e no âmbito da Lei da Assistência Espiritual e Religiosa,³ os Pastores podem fa-

zer o acompanhamento espiritual dos doentes que estejam internados em instituições do Serviço Nacional de Saúde, em harmonia com o disposto na referida lei.

O Serviço de Capelania da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia participa regularmente nas reuniões do Grupo de Trabalho Inter-religioso que, entre outras funções, monitoriza a Assistência Espiritual e Religiosa nos hospitais do S.N.S.. No âmbito deste Grupo de Trabalho, temos tido oportunidade de participar em ações de formação de pós-graduação de enfermeiros, onde as questões do acompanhamento espiritual são abordadas.

O Serviço de Capelania está ainda envolvido com a visitação às prisões no âmbito do Decreto-Lei nº 252/2009. Sempre que um Pastor é solicitado para dar apoio espiritual e religioso, a um ou mais reclusos, num estabelecimento prisional, o Serviço de Capelania procede à sua credenciação junto das autoridades competentes.

Cada capelão, homem ou mulher, é um ministro do evangelho, que, no seu ministério, atua como Pastor, oferecendo a cada pessoa crescimento espiritual, paz de espírito, capacidade de se erguer para além de si próprio, libertação do temor e da dúvida, coragem e conforto.

O capelão age também como professor, ao clarificar as questões que lhe são colocadas, ao ensinar as pessoas como entrarem em contato com o poder do Cristo ressuscitado.

Ele age ainda como profeta, porque fala com a graça e a autoridade

Cada capelão(...) é um ministro do evangelho, que, no seu ministério, atua como Pastor, oferecendo a cada pessoa crescimento espiritual, paz de espírito, capacidade de se erguer para além de si próprio, libertação do temor e da dúvida, coragem e conforto.

da voz de Deus, baseado num “assim diz o Senhor”, e testifica do poder e do amor de Deus, oferecendo cura e restauração, abrindo a cada pessoa os horizontes do futuro de esperança que Deus tem para cada um.

Através do Serviço de Capelania, e de todos aqueles que nele colaboram, o ministério da restauração é cumprido em favor dos que mais necessitam e cada capelão sente que, ao agir na vida daqueles com quem contacta, cumpre as expectativas de Jesus que disse: “Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25:40).

1

Ver artigo de Richard Stenbakken and Martin W. Feldbush, “Adventist Chaplaincy Ministries” in <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=DB1Q>.

2

<https://www.adventistchaplains.org/about-acm/organization/>.

3

Decreto-Lei, nº 253/2009 de 23 de Setembro, <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/253-2009-490426>.



Faz alguma diferença comer juntos?

Fico hoje surpreso ao pensar que, há pouco mais de 30 anos, o meu sogro fazia sempre o esforço para vir comer a casa no intervalo do almoço. A distância não era assim tão grande (pouco menos de 5 quilómetros), mas também não era logo ali ao virar da esquina. Como vinha habitualmente em transportes públicos, uma parte significativa das suas duas horas de intervalo para almoço ficavam nas deslocações. O interessante é que, mesmo quando o intervalo passou a ser só de 1 hora, ele continuava a vir a casa comer com a família. Por que tanto esforço se, ali à volta da Praça D. João I, no Porto, onde ele trabalhava, já naquela altura, não faltavam cafés e restaurantes? Porque não levava algo de casa para comer no trabalho?

Vários estudos parecem, contudo, indicar que nestes últimos 30 anos, um pouco por todo o lado, deu-se um acen-

tuado declínio nas refeições em família. Fala-se num declínio de 30% para famílias com crianças e jovens. Entre estas famílias, um terço delas têm apenas uma ou duas refeições por semana em conjunto e só um quarto delas têm mais de sete refeições por semana. Notou-se também que, nas famílias monoparentais, comia-se muito menos juntos. É uma pena, dado que comer juntos, assim como correr com outra pessoa, duplica as endorfinas produzidas (Dunbar, 2017). No relatório mundial sobre felicidade (de 2025) percebeu-se que as pessoas menos felizes eram aquelas que comiam regularmente sozinhas, em contraste com as mais felizes, que tinham companhia às refeições. Comer juntos parece aliviar o stress e fortalecer o senso de pertença. Esta prática tem um profundo impacto no nosso bem-estar físico e mental. Comemos alimentos mais saudáveis, como



frutas, verduras e cereais integrais, bem como menos bebidas açucaradas e menos alimentos ultra processados. Somos também mais comidos nas quantidades ingeridas. Estes comportamentos, por sua vez, contribuem para um peso saudável e para a prevenção de doenças crônicas. Alguns investigadores do Canadá chegaram à conclusão de que esta prática era vital para prevenir distúrbios alimentares, comportamentos violentos e de risco em geral, depressão e consumo de álcool e drogas nos adolescentes. Os filhos que comiam frequentemente com os seus pais tinham melhores capacidades linguísticas (por exemplo, mais vocabulário) e, em geral, tinham melhores resultados na escola. Tinham também um melhor relacionamento com os seus pais e irmãos.

Sim, comer com alguém não é apenas ter companhia para a refeição. Jesus frequentemente comia com os seus discípulos. Também o fazia com outras pessoas, algumas das quais de reputação duvidosa aos olhos da sociedade, para demonstrar aceitação e inspirar ideais mais elevados. É Ele que nos convida a abrir a porta para que possa entrar a fim de cear connosco (Apocalipse 3:21). Também foi Ele que prometeu que participaria connosco, no Céu, da grande ceia por ocasião das bodas do cordeiro (Mateus 26:29; Apocalipse 19:7). Da fervorosa Igreja primitiva se dizia que comiam juntos com alegria (Atos 2:42, 46). Comer juntos é partilhar valores, sonhos, esperança e a própria vida com alguém. Vai muito além de simplesmente ingerir os alimentos de que o nosso corpo necessita. São momentos áureos no início, no meio ou no fim do dia, para realçar o

que é mais importante nesta vida, ou seja, os relacionamentos. O que se passa na sua família? Bem sabemos que, para pessoas ativas que estudam ou trabalham, é virtualmente impossível para a maioria tomar todas as refeições juntos, mas faz o estimado leitor tudo o que está ao seu alcance para aproveitar todas as oportunidades possíveis para estar com alguém enquanto come?

Foi ainda há poucos dias que um querido irmão, que nos visitou aqui no Centro *VitaSalus*, em Penela, me disse: “Não gosto de comer sozinho!” Ele ia tomar uma refeição no nosso refeitório, mas num horário em que mais ninguém ali estava. Eu não tinha planeado comer naquele momento. Na realidade, estava cheio de trabalho e até apetecia-me fazer naquele momento outra coisa diferente, mas diante daquelas palavras não pude resistir e mudei de ideias. Sentei-me para comer também. O resultado daquele momento foi quase uma hora repleta de satisfação e alegria pela riqueza na partilha de conhecimento e de experiências. Valeu a pena. Não sei se a vida me proporcionará outra oportunidade para estar com este irmão.

Foi há cerca de dez anos que, num quarto lá de casa, o meu sogro descansou no Senhor. Fê-lo deitado numa cama, mas assistido pelos braços carinhosos da esposa e dos dois filhos. Naqueles últimos dias, sentavam-se à volta da cama para estar ali, para conversar, como tantas vezes o terão feito à volta da mesa. Como testemunha daquele cenário, penso hoje: Sim, valeu a pena fazer o esforço para vir comer a casa, mesmo quando o comer juntos não se podia estender para além de 15 ou 20 minutos!



Conceição Lagoa
Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança

ELISEU

O Profeta que dizia "Sim!" a Deus

"Peço-te que me toque
por herança porção
dobrada do teu espírito"
(II Reis 2:9)



recursos.
adventistas.
org.pt/criancas/
documentos/
espaco-juvenil-
herois-da-biblia-
setembro-2025/

Aponta o telemóvel e descobre
as surpresas!

Explora o QR Code e encontra:

- ??
- ??
- ??



História Bíblica

Eliseu vivia no campo e trabalhava para o seu pai, Safate. Lavrava a terra com a ajuda dos bois, lado a lado com os servos do seu pai. Apesar de ser de uma família rica, era humilde. Estava sempre pronto a fazer trabalhos simples, era responsável e procurava fazer sempre o melhor.

Deus viu que ele era fiel nas coisas pequenas e sabia que lhe podia confiar algo maior. Um dia, enquanto trabalhava no campo, o profeta Elias passou por ele e lançou-lhe a capa sobre os ombros. Eliseu entendeu que era o sinal de Deus a chamá-lo. Não hesitou: despediu-se dos pais e seguiu Elias para aprender a servir Deus.

Durante anos, Eliseu foi ajudante de Elias e fazia coisas simples, como trazer-lhe água ou acompanhá-lo nas viagens.

Antes de Elias ser levado ao Céu, Eliseu pediu-lhe: “Quero uma porção dobrada do teu espírito!” Sabia que só com o poder de Deus poderia cumprir a missão e substituir o profeta. Deus respondeu à sua oração.

Eliseu fez muitos milagres com a ajuda de Deus: purificou com sal as águas más de Jericó, para que o povo pudesse beber sem perigo. Ressuscitou o filho da mulher de Suném.

Em Gilgal, durante uma refeição numa escola de profetas, o caldo ficou envenenado. Eliseu deitou farinha na panela e todos puderam comer.

Noutro momento de fome em Gilgal, havia cem pessoas e apenas vinte pães de cevada e algumas espigas. Eliseu multiplicou os alimentos, chegou para todos e ainda sobrou!

Também curou Naamã, comandante do exército do rei da Síria, que sofria de lepra. No início, Naamã não queria obedecer ao que Eliseu lhe dizia, mas acabou por deixar

o orgulho de lado e mergulhou sete vezes no rio Jordão. Foi curado porque teve fé. Sabes que este milagre aconteceu graças à fé de uma menina corajosa que falou do profeta Eliseu a Naamã.

Com a ajuda de Deus, Eliseu também fez flutuar um machado que tinha caído ao rio. Mostrou ainda ao seu servo os anjos e os carros de fogo que protegiam a cidade de Dotã, e ensinou que Deus também está conosco, quando estamos em perigo.

Sabes o que quer dizer Eliseu? “Deus é a minha salvação”. Deus usou-o para mostrar essa salvação ao povo.

O que aprendi com Eliseu

Aprendi muitas coisas. A dizer “Sim!” quando Deus me chama. Vi que Eliseu foi fiel nas tarefas pequenas e ficou preparado para as grandes. Entendi que Deus usa pessoas humildes para fazer grandes coisas. Também descobri que ele fez milagres pelo poder de Deus e que Eliseu confiava n’Ele, e não em si mesmo.

“Eu Vou, Iremos Todos”

Queres ser como Eliseu? Então diz: “Eu Vou!” quando Deus te chamar. Serve-O sem esperar nada em troca. Ora todos os dias, lê a Bíblia, obedece-Lhe e pede-Lhe o Espírito Santo. Sê humilde e pronto a ajudar. Confia em Deus, mesmo quando for difícil.

Diz com confiança: “Quero servir Deus como Eliseu!”

Desafio ou Atividade

Escreve num cartão: “Quero ser como Eliseu: pronto para servir Deus!” Decora-o com desenhos dos milagres. Coloca-o num lugar onde o possas ver todos os dias, para te lembrares de viver como um ajudante de Deus!



Daniel Vicente
*Diretor do Serviço de Espírito
de Profecia da UPASD*

ESPÍRITO DE PROFECIA

O conceito de inspiração divina em Ellen G. White

Na terceira década após o surgimento oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o conceito de inspiração não era visto por todos os pioneiros da mesma maneira. Nesse sentido, o papel que Ellen G. White teve não foi de definição da doutrina da inspiração, mas de confirmação, apoiada na Bíblia, desse mesmo conceito.

A Bíblia é clara ao afirmar que “a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo”.¹ Mas, ao definir “inspiração”, alguns acreditavam que a inspiração das Escrituras era mecânica, como se Deus ditasse as palavras que o profeta teria de escrever. Pessoas com grande responsabilidade na Igreja Adventista do Sétimo Dia tinham conceitos tão errados acerca do papel da inspiração profética, que Ellen G. White teve de intervir e fazê-los olhar para a Bíblia como totalmente inspirada, sem

graus diferentes de inspiração, tal como a própria Bíblia o define. “*Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça.*”²

“O Criador de todas as ideias pode impressionar mentes diferentes com o mesmo pensamento, mas cada uma pode expressá-lo de uma maneira distinta, ainda que sem se contradizerem. O fato de existir essa diferença não nos deve deixar perplexos ou confusos. É raro que duas pessoas vejam e expressem a verdade da mesma maneira. Cada uma fica focada em pontos particulares que sua constituição e educação a habilitaram a apreciar. A luz do sol ao incidir sobre objetos diferentes confere a esses objetos uma tonalidade distinta.”³

Ellen G. White vem colocar o foco naquilo que é o trabalho do Espírito Santo e o Seu papel na inspiração do profe-

ta. Como menciona na carta que citámos acima, Ellen G. White refere com clareza e confirma que a inspiração está nos pensamentos transmitidos ao profeta pelo Espírito Santo e não nas palavras. Esta é a razão pela qual podemos ver diferentes profetas canónicos a apresentar uma mesma situação, mas em que cada um realça aspetos diferentes da mesma, de acordo com a sua personalidade e a sua vivência.

Jorge I. Butler, que foi Presidente da Conferência Geral por duas vezes, a primeira entre 1871 e 1874 e a segunda entre 1800 e 1888, defendia que as Escritura “tem autoridade na proporção dos graus de inspiração”,⁴ ou seja, que existiam vários graus de inspiração nas Escrituras e que a inspiração atua e as torna perfeitas conforme varia o propósito para que foram dadas.

Discordando desta posição e de todos os que dela partilhavam, Ellen G. White vai corrigir esta definição de inspiração, afirmando que “a Bíblia aponta para Deus como sendo o seu Autor; no entanto, foi escrita por mãos humanas, e, mediante os

**A Bíblia é clara
ao afirmar que “a
profecia nunca
foi produzida por
vontade de homem
algum, mas os
homens santos
de Deus falaram
inspirados pelo
Espírito Santo”.**

diferentes estilos dos seus vários livros, apresenta as características dos diversos escritores. As verdades reveladas são dadas por inspiração de Deus (II Timóteo 3:16), mas são expressas em palavras de homens”.⁵



Deus inspira o pensamento dos profetas, não as palavras, sabendo que o profeta o irá transmitir verbalmente de acordo com a sua personalidade

Quando dois discípulos de Jesus se encontravam no caminho de Emaús, sem compreender o papel que Ele desempenhava no Plano da Salvação, o seu Mestre não lhes definiu graus diferentes de inspiração, antes, “começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em *todas as Escrituras*”.⁶

Deus fala ao ser humano, não numa linguagem que aquele não possa entender, mas com as palavras humanas que melhor definam as realidades espirituais. Não devemos permitir que o facto de alguns dados bíblicos apresentados por um profeta aparecerem relatados sob diferentes ângulos por outros profetas afete a nossa crença na inspiração da Bíblia.

Como bem nos esclarece Deus, através da sua serva Ellen G. White, “os mistérios da Bíblia, longe de serem um argumento contra ela, contam-se entre as evidências mais fortes da sua inspiração divina. Se ela não contivesse outro relato acerca de Deus, senão aquele que nós pudéssemos compreender; se a Sua

grandeza e a Sua majestade pudessem ser apreendidas por mentes finitas; então a Bíblia não teria, como tem, evidências infalíveis da sua origem divina”.⁷

Podemos, assim, concluir, pelo testemunho da própria Palavra de Deus, que não só não existem vários graus de inspiração, como a Bíblia é toda ela inspirada pelo Seu autor: Deus!

Deus inspira o pensamento dos profetas, não as palavras, sabendo que o profeta o irá transmitir verbalmente de acordo com a sua personalidade, o seu estilo e a sua percepção, para que assim possa alcançar com a Sua mensagem diferentes pessoas.

Portanto, a Bíblia está escrita com palavras e expressões humanas. O mesmo acontece com os escritos de Ellen G. White. “Se bem que eu dependa tanto do Espírito Santo para escrever minhas visões como para recebê-las, todavia as palavras que emprego ao descrever o que vi são minhas, a menos que sejam as que me foram ditas por um anjo, as quais eu sempre ponho entre aspas.”⁸

Ainda que possam existir alguns pequenos erros factuais nas Escrituras, os mesmo não afetam a infalível mensagem de esperança e de salvação apresentada por Deus ao profeta. “Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça.”⁹

¹ II Pedro 1:21.

² II Timóteo 3:16 (ênfase acrescentada).

³ Ellen G. White, *Letters and Manuscripts 15*, Carta 53, 1900, p.1022.

⁴ George I. Butler, “*Inspirations*”, *Adventist Review and Sabbath Herald*, 8 de Janeiro de 1884.

⁵ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2022, p. 7.

⁶ Lucas 24:27 (ênfase acrescentada).

⁷ Ellen G. White, *Educação*, Sabugo: Publicadora SerVir, 2021, p. 144.

⁸ Ellen G. White, “*Questions and Answers*”, *Adventist Review and Sabbath Herald*, 8 de outubro de 1867.

⁹ II Timóteo 3:16.



Batismos em Alvalade

Lívia Duarte | Vice-secretária da IASD de Alvalade
11 de junho de 2025

Maio foi um mês de muita alegria e celebração na igreja Adventista do Sétimo Dia de Alvalade. Durante dois Sábados abençoados, o Céu e a igreja uniram-se em festa ao testemunharem a entrega pública de quatro preciosas vidas a Cristo.

Marco Paulo Soares, Miguel Ângelo Ferreira, Quintiliana Quissanga e Daniela Rabolé — irmãos muito queridos e especiais que aceitaram o chamado de Jesus após um percurso de estudo da Bíblia e de crescimento espiritual.

Cada um deles decidiu, com fé e amor, selar esse compromisso através do batismo, testemunhando diante da congregação e do universo a sua decisão de seguir Cristo. Que estes momentos nos inspirem a renovarmos diariamente o nosso compromisso com Deus e que a caminhada espiritual dos nossos novos irmãos seja sempre guiada pelo Espírito Santo, com o amor e o apoio da nossa comunidade.

Nova igreja adventista em Fafe

Departamento de Comunicação da UPASD
16 de junho de 2025

No Sábado, 14 de junho, a cidade de Fafe foi palco de um momento especial para a Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal: A

inauguração oficial da nova igreja local, situada na Rua António Sérgio, 47. A cerimônia marcou o início de uma nova etapa para os Adventistas fafenses e contou com a presença de Irmãos vindos de diversas localidades.

A programação solene foi presidida pelo Pastor José Lagoa, Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, e pelo Pastor Edgar Justino, Diretor da Região Norte, que destacaram a importância da expansão da missão adventista na região e consagraram o novo espaço ao serviço de Deus.

Estiveram presentes cerca de 90 pessoas, incluindo 9 visitantes, que participaram com alegria e gratidão deste momento especial. A cerimônia foi enriquecida pela presença de membros vindos das igrejas de Guimarães, de Braga, do Porto e de outras comunidades próximas, demonstrando o espírito de união e apoio mútuo que caracteriza a nossa Igreja.

O novo templo é fruto do esforço, da oração e da dedicação dos membros locais, e representa um importante marco para o avanço da missão na cidade de Fafe. A igreja agora conta com um espaço adequado para acolher a comunidade, promover ações de serviço e aprofundar o estudo da Bíblia.

A inauguração da igreja adventista de Fafe reforça o compromisso da denominação com o crescimento espiritual, o testemunho





cristão e o envolvimento ativo nas comunidades locais. Que este novo espaço seja um instrumento de bênção, esperança e salvação para todos os que ali entrarem.



Descansou no Senhor Ilídio Moreira dos Santos

Carlos Assunção Correia | Diácono da IASD de Santa Maria da Feira
24 de junho de 2025

No passado 22 de fevereiro faleceu o Irmão Ilídio Moreira dos Santos, com a idade de 90 anos. Oriundo da freguesia do Vale, ao norte do concelho de Santa Maria da Feira, foi um dos grandes pioneiros da igreja que está na sede do concelho, onde o Irmão viveu grande parte da sua existência.

Conheceu o Evangelho há várias décadas e transformou-se no Cristão que muitos, de forma despectiva, chamavam de “Protestante”. Muitas vezes humilhado por muita gente, incluindo patrões seus, ele nunca desistiu da sua fé e também não albergou sentimentos de ressentimento ou de vingança. Era um filho de Deus e um cavalheiro.

Foi um pai que se preocupou por transmitir a fé à sua numerosa família. Por muitos anos, o Irmão Ilídio liderava a sua família, deslocando-se da Feira para Espinho todos os sábados, a pé, com a esposa e todos os filhos. O regresso para casa também se fazia muitíssimas vezes a pé. Eram tempos difíceis, mas que não foram obstáculo para o desenvolvimento da vida cristã.

O Irmão, além de sua fé inabalável, cria no regresso iminente de Jesus. Ele acalentava no seu coração esta grande esperança.

Desfrutávamos da sua presença, amabilidade e simpatia e também dos seus conselhos. Muitos Irmãos passaram em sua casa muitas tardes de Sábado, louvando o Senhor com orações e hinos, o que os enche de muita saudade.

Que o seu legado de otimismo, esperança e fé preencha a vida da família enlutada. Em especial a Irmã Conceição e também a Igreja.

Maranatha!



Dez Batismos e Uma Profissão de Fé Marcam Sábado Especial na Igreja Adventista Do Sétimo Dia de Braga

Anabela Pego | IASD Braga
25 de Junho, 2025

No dia 21 de junho de 2025, a Igreja Adventista do Sétimo Dia em Braga viveu um dia de grande alegria e celebração com a realização de dez batismos e uma profissão de fé. A cerimónia, conduzida pelos Pastores Ruben Martins e Edgar Justino, marcou um momento significativo na jornada espiritual de onze indivíduos, que publicamente declararam a sua fé em Jesus Cristo.

Entre os que desceram às águas batismais, um dos batismos e a profissão de fé destacaram-se por serem membros ativos do Grupo de Vila Verde, uma extensão da comunidade de Braga que tem crescido e se



fortalecido. Esta inclusão é um testemunho do alcance e do impacto do trabalho missionário da igreja na região.

Os dez batismos representam um compromisso profundo com os princípios e valores do evangelho, simbolizando um novo começo e a dedicação a uma vida de serviço a Deus. A profissão de fé, por sua vez, reforça a adesão consciente e voluntária à comunidade adventista, refletindo um caminho de fé já percorrido e consolidado.

A presença dos Pastores Ruben Martins e Edgar Justino, sublinhou a importância do evento, com ambos a partilharem mensagens de encorajamento e inspiração para os recém-batizados e para toda a congregação. A atmosfera foi de profunda gratidão e celebração, com hinos de louvor e orações que ecoaram a alegria dos corações presentes.

Este sábado memorável na Igreja Adventista de Braga não foi apenas um evento cerimonial, mas um marco da igreja e na vida de cada um dos novos membros, reforçando a missão da igreja de levar esperança e transformação a mais vidas.



Escola Cristã de Férias no LAPI Norte e no LAPI Centro

Bruno Silva | Diretor Geral do LAPI
24 de julho de 2025

A Escola Cristã de Férias é uma iniciativa que já conta com algumas edições na rede LAPI.

No LAPI Norte aconteceu, este ano, na semana de 30 de junho a 4 de julho. Tendo

como público-alvo os filhos e outras crianças familiares de colaboradores, bem como as crianças do Clube de Desbravadores da localidade, tivemos a presença de um total de 20 crianças e uma equipa organizadora composta por 8 preciosos elementos.

O tema deste ano foi “As viagens de Jesus”. As crianças foram conhecendo os milagres que Jesus foi fazendo no Seu ministério pelos diferentes sítios onde passou. As atividades incluíram histórias da Bíblia, oração e outras atividades lúdico-recreativas, que foram cativando os meninos e as meninas.

A resposta dos pais/educadores e das crianças foi ótima, sendo que já estão a contar com uma nova edição no próximo ano!

No LAPI Centro a Escola Cristã de Férias iniciou-se na semana seguinte, decorrendo de 7 a 11 de julho. Tivemos um total de 24 crianças e uma equipa de 12 elementos, sem esquecer várias colaboradoras do LAPI Centro, que deram um contributo indispensável, tanto ao nível das refeições e da logística, como nas atividades. Para que esta iniciativa fosse possível contamos com o extraordinário apoio das três igrejas da zona de Leiria e até de voluntários da Ser-tã! Por isso, queremos deixar aqui o nosso expressivo agradecimento a todos os que se envolveram de forma muito intensa, doando do seu tempo e dos seus recursos para que tudo pudesse ser feito com a excelência necessária.

O tema foi “Como tudo começou neste nosso mundo azul” e, em cada dia, as crianças puderam visitar momento da Semana da Criação.

Louvamos muito Deus pelas experiências vividas e pela oportunidade de poder levar o amor de Jesus a meninos e meninas. Além disso, poder ver o convívio intergeracional é um privilégio tremendo.



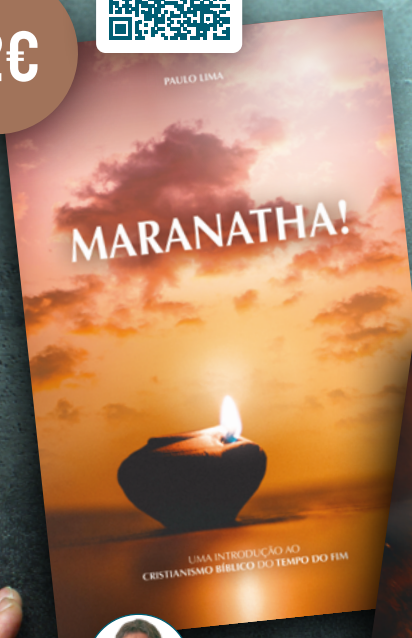
10€



AUTOR:
Roberto
Badenas



12€



AUTOR:
Paulo Lima



AUTOR:
Pavel Gora

Brevemente!

COMPRA *ONLINE* WWW.PSERVIR.PT | LIGUE 21 962 62 00
E-MAIL CLIENTES@PSERVIR.PT | +351 925 896 870

Acompanhe esta e outras novidades através das redes sociais facebook.com/PSerVir instagram.com/PSerVir